

Da Orientação do Islam XVII

# O Revelador O Mensageiro A Mensagem

O MÁRTIR BEM AVENTURADO  
AYYATULLAH AL-ODHMAH SAYYED MOHAMMAD BAQIR ASSADR (K.S.)

Elaboração, Supervisão e Apresentação  
SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI

**1ª Edição**



Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.)

TRADUÇÃO DE  
EDNA ANDRADE

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**



**Índice para catálogo sistemático**

<b>Tradução:</b>	Edna Andrade
<b>Capa, Projeto Gráfico e Editoração:</b>	Yellow Design e Nasereddin Taleb Al-Khazraji
<b>Impressão e Acabamento:</b>	Editora Marse Tel.: (11) 2292-3322 - E-mail: ed.marse@terra.com.br
<b>Tiragem:</b>	2.000 exemplares
<b>Data da Edição:</b>	Rabi al-Awal 1430, Março de 2009



Tel.: 55 11 3361-7348 - Fax: 55 11 3331-5077  
edicoes@arresala.org.br  
www.arresala.org.br



Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.)  
info@ahl-ul-bayt.org  
www.ahl-ul-bayt.org

*É proibida a reprodução de parte ou da totalidade dos textos sem a autorização prévia.  
Todos os direitos são reservados.*

## DA ORIENTAÇÃO DO ISLAM

Uma coleção que apresenta a grandiosa religião Islâmica, e se compromete a esclarecer os pensamentos, os princípios e os regulamentos das jurisprudências e leis Islâmicas, as quais referem-se a diversos assuntos, como os culturais, educacionais, morais, jurídicos, e etc...

Esclarecimento este que se baseia no Alcorão Sagrado, a principal fonte da legislação Islâmica, na abençoada tradição do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), e no método dos Ahlul Bait (A.S.), que juntos caminham em uma única Senda.

O nosso objetivo é fortalecer o conhecimento Islâmico entre os Muçulmanos e os demais, através da palavra gentil e um diálogo suave, de uma forma prática e de fácil entendimento para todos. Buscando assim, cumprir a nossa obrigação perante Deus e a sociedade.

Para executar este trabalho nos fundamentamos numa produção própria da cultura e da sabedoria Islâmica, que vem sendo apresentada em diversas ocasiões e sob diversas formas como: aulas, palestras, matérias, entrevistas e etc.

Como também nos firmamos na tradução de inúmeros trabalhos de autoria dos sábios, líderes, filósofos e fundações culturais do mundo Islâmico, os quais tem um papel fundamental na exposição e na divulgação do pensamento e do conhecimento Islâmico em todos os cantos da Terra.

E sob a direção da Comissão Geral de Publicações do Centro Islâmico no Brasil, supervisionada diretamente pela Sua Eminência **Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji**, buscamos diversificar as nossas publicações, para atender os diversos campos da vida e a mais variada gama de indivíduos.

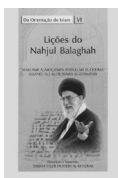
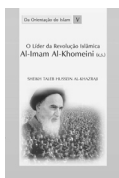
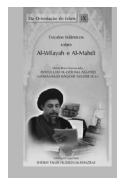
# Livro que carrega em suas mãos: Da Orientação do Islam XVII

## O Revelador O Mensageiro A Mensagem



### VOLUMES PUBLICADOS

#### Coleção “Da Orientação do Islam”



#### Coleção “Nossa Mensagem”



#### Outras Publicações



Agradecimentos .....	7
Prefácio da Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.) .....	9
Prefácio do Centro Islâmico no Brasil .....	13
Introdução .....	15
Primeira Parte - O Revelador ( <i>Al-Mursil</i> ).....	19
Crer em Deus, Glorificado e Exaltado.....	19
A Demonstração Científica da Existência de Deus.....	26
a) A Determinação do Método e Suas Demarcações.....	27
b) A Apreciação do Método .....	29
Como Usar este Método para Provar a Existência do Criador.....	35
O Argumento Filosófico.....	41
a) Um Exemplo da Argumentação Filosófica da Existência de Deus.....	42
b) A Posição do Materialismo Frente Este Argumento.....	48
Os Atributos Divinos .....	52
a) Sua Justiça e Sua Integridade .....	53
b) A Justiça Divina como Prova da Recompensa e da Punição.....	54
Segunda Parte - O Mensageiro ( <i>Ar-Rassul</i> ).....	57
Introdução: O Fenômeno da Profecia .....	57
Provando a Missão do Grandioso Profeta Mohammad (S.A.A.S.) .....	60
O Papel das Influências e Fatores Externos.....	72
Terceira Parte - A Mensagem ( <i>Arresala</i> ) .....	75



الكعبة المشرفة عام 1297 هـ.ق. / 1880 م.

A Caaba sagrada em Mecca – Arábia Saudita,  
ano de 1297 Hejrita / 1880 D.C.

O Centro Islâmico no Brasil, representado pelo seu presidente e líder religioso, Sua Eminência Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji, transmite seus sinceros votos de agradecimento à equipe que trabalhou arduamente para a conclusão de mais essa obra, “O Revelador, o Mensageiro e a Mensagem”, mais um magnífico trabalho do grande sábio e mártir Ayyatullah al-Odhmah Sayyed Mohammad Baqir As-sadr (K.S.) que temos o prazer e a honra de publicar.

Também não podemos deixar de agradecer à instituição co-irmã, Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.), que mais uma vez trabalha em conjunto conosco com o intuito de preservar e divulgar os maravilhosos ensinamentos islâmicos dos Ahlul Bait (A.S). Mesmo sendo baseada no Irã, a milhares de quilômetros do Brasil, esta instituição têm constantemente apresentado seu desejo de colaborar e apoiar o trabalho de divulgação e crescimento islâmico no Brasil, e através de uma parceria cada vez mais intensa, isso vem se concretizando.

Possa Deus, O Altíssimo, abençoar e recompensar todos os envolvidos na tradução, revisão e adaptação deste grandioso trabalho. E que Deus possa iluminar todos os leitores, para que a teoria e a prática islâmica estejam presentes em suas vidas.

Centro Islâmico no Brasil



الكعبة المشرفة عام 1429 هـ.ق. / 2008 مـ.

Caaba sagrada em Mecca – Arábia Saudita,  
ano de 1429 Hejrita / 2008 D.C.



## PREFÁCIO DA ASSEMBLÉIA MUNDIAL AHLUL BAIT (A.S.)



*Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso.*

O valiosíssimo legado dos Ahlul Bait (A.S.), que é preservado por seus seguidores, é uma ampla escola de pensamento que abarca todos os ramos do conhecimento islâmico. Essa escola deu ao mundo sábios brilhantes que se inspiraram nesta fonte rica e pura. Dessa forma, a comunidade islâmica teve muitos sábios que seguiram os passos dos Imames sucessores do Profeta Mohammad (S.A.A.S.), e fizeram o melhor para esclarecer e combater as dúvidas e desafios levantados pelos vários credos e correntes filosóficas, dentro e fora da sociedade islâmica. Através dos séculos, os Imames (A.S.) e os sábios que os seguiam ofereceram respostas concludentes frente às dúvidas e desafios que lhes eram apresentados.

Para cumprir com a responsabilidade de levar o esclarecimento acerca do Islam a todos, a Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.), entidade sediada no Irã, entregou-se de forma integral ao trabalho de defesa da pureza da mensagem islâmica e seus ramos, mensagem esta que frequentemente é atacada pelos partidários de várias correntes e ideologias, algumas, inclusive, severamente hostis ao Islam. A Assembléia segue as pegadas dos Ahlul Bait

(A.S.) e seus seguidores, estando sempre pronta para confrontar esses desafios, e dessa forma, estando sempre na vanguarda em relação às exigências de cada época.

Os argumentos contidos nos trabalhos dos estudiosos da escola dos Ahlul Bait (A.S.) são de uma qualidade única. Isso, devido a basearem-se no conhecimento genuíno e no uso da razão, se distanciando do preconceito e do fanatismo. Os argumentos destes estudiosos e pensadores invariavelmente alcançam as mentes saudáveis, que estão de acordo com a natureza humana.

Para auxiliar todos aqueles que buscam a verdade, a Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.) tem se esforçado para apresentar os argumentos contidos nos estudos dos pensadores xiitas contemporâneos, e daqueles que aderiram a essa sublime escola pela benção divina. Ainda assim, lembramos que a Assembléia continua engajada na edição e publicação de valiosos trabalhos de líderes xiitas do passado, para auxiliar a todos aqueles que buscam descobrir as verdades que a escola dos Ahlul Bait (A.S.) tem oferecido ao mundo.

Dito isso, declaramos que a Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.) busca beneficiar-se das opiniões dos leitores e de suas sugestões e críticas construtivas nesta área. Nós também convidamos os sábios, tradutores e outras instituições, a auxiliarem-nos na propagação dos ensinamentos islâmicos genuínos, pregados pelo Profeta Mohammad (S.A.A.S.).

Rogamos a Deus, o Altíssimo, que derrame suas benções e clemência sobre o grande pensador islâmico, o sábio e Mártir bem-aventurado, Ayyatullah al-Odhmah Sayyed Mohammad Baqir Assadr (K.S.), o qual deu a nação o melhor do Islam e do seu conhecimento, e enriqueceu a cultura islâmica com suas obras fantásticas, que até agora são fonte de estudo e inspiração no mundo todo.

Agradecemos imensamente a todos que participaram na concretização desta obra, especialmente ao Centro Islâmico no

Brasil, o qual, em parceria com a Assembléia, se encarregou da tradução do livro que o leitor carrega em mãos “O Revelador, o Mensageiro e a Mensagem”, para a língua portuguesa, e também realizou sua edição e publicação, por meio da Fundação de Pesquisa, Tradução e Publicação da Cultura Islâmica, ligada ao Centro Islâmico no Brasil e liderada por sua eminência Sheikh Taleb Hussein al-Khazraji.

Pedimos a Deus, o Altíssimo, que aceite nossos humildes esforços e nos capacite ainda mais, para incrementar nossos trabalhos sob a orientação do Imam Mahdi (que Deus apresse seu retorno).

Departamento de Assuntos Culturais  
Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.)





*Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso.*

Caro leitor, o livro que agora possuí em suas mãos, “O Revelador, o Mensageiro e a Mensagem”, de autoria do mártir bem-aventurado, o grande Ayyatullah al-Odhmah Sayyed Mohammad Baqir Assadr (K.S.), é considerado um livro de grande porte e nível intelectual, nele, seu autor segue um método científico e racional para demonstrar a veracidade dos assuntos ligados ao Revelador (Deus, louvado seja), ao Mensageiro (Profeta Mohammad) e à Mensagem (o Islam).

Este livro é capaz de transmitir ao leitor grande riqueza cultural, e demonstra, de forma amplamente coerente, o tamanho da importância da fé em Deus e na sua existência, da fé em seu Mensageiro Mohammad (S.A.A.S.) e da fé na Mensagem Islâmica, elementos estes que são as bases da fé islâmica como um todo.

É fato que o muçulmano deve sempre fortalecer sua crença na existência de Deus, pois isto está diretamente ligado à crença no Mensageiro e na Mensagem. O muçulmano deve se afastar das dúvidas, que ao dominar o ser humano o levam à queda e à descrença.

E, pela grande importância deste assunto, o Centro Islâmico no Brasil se viu na obrigação de traduzir este livro, com o mais puro objetivo de propagar a palavra verdadeira, e dessa forma,

demonstrar também nossa fidelidade a seu autor. Este projeto foi concretizado através de uma parceria com a Assembléia Mundial Ahlul Bait (A.S.), parceria esta que se deu através dos trabalhos de tradução, edição e publicação deste livro.

Rogamos a Deus, O Todo Poderoso, que nos auxilie e ajude para realizarmos mais obras iguais a esta, e para que com isso possamos atingir o agrado de Deus, louvado seja.

Louvado seja Deus, O Senhor do Universo.

Sheikh Taleb Hussein al-Khazraji  
(Rabi al-Awal 1430 / Março de 2009)  
Centro Islâmico no Brasil



*Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso.*

Certos Sábios Religiosos eminentes, assim como um grande número de nossos estudantes e seguidores me pediram para seguir o exemplo de meus predecessores e de suas obras, a respeito de um assunto cuja importância cresce dia após dia: se trata de escrever uma “tese prática” (*Al-Riçala al-Amaliyya*, espécie de manual ou guia prático escrito pelo *mujtahid* (sábio religioso competente) com o fim de que os fieis se referissem a ele para cumprir corretamente suas obrigações religiosas), como é habitual entre os Sábios Religiosos, uma introdução breve ou detalhada tratando sobre a demonstração (prova) da existência de Deus e a pertinência dos fundamentos dos *Uçul* (fontes, princípios, raízes) da religião islâmica. Pois uma “tese prática” é a expressão do esforço de busca pessoal sobre os estatutos da *Shariah* (a lei ou legislação islâmica) que Deus revelou por intermédio do Selo dos Profetas (o último mensageiro de Deus, o Profeta Mohammad), para o benefício dos mundos. Esta expressão baseia-se essencialmente na aceitação destes “*Uçul*”, pois a crença em Deus o Revelador, o Profeta Mensageiro e a Mensagem que Deus enviou, constitui a base do conteúdo de toda “tese prática” e a prova de sua necessidade. Impulsionado pelo desejo de servir ao Senhor e estimando a necessidade de tal ação, respondi positivamente a esta demanda.

E neste sentido, me confrontei com a seguinte pergunta: em que estilo deveria escrever esta introdução? Deveria me esforçar em escrevê-la em um estilo tão claro e fácil como o do livro “*Al-Fatawah al-Widhiha*” (“As Decisões Jurídicas Claras”, título da “tese prática” do autor) o qual está destinado para o leitor que é capaz de compreender o juízo jurídico destes “*Fatawah*” (decisões jurídicas emitidas pelo *mujtahid*) e pode compreendê-los facilmente?

Depois da reflexão, me dei conta que há uma diferença essencial entre a introdução em questão e o livro à que vai dirigida.

Quando o livro expõe as leis religiosas e os resultados do *ijtihad* (esforço pessoal de busca, feito por um sábio religioso competente com vistas a emitir um juízo religioso) e da dedução sem prová-las nem discuti-las, a introdução proposta não se contenta em expor os assuntos que aborda. Porque, por um lado, a convicção é uma obrigação religiosa quando se trata dos Fundamentos Religiosos, e de outro lado, o propósito da introdução é afirmar os pilares e os fundamentos da religião. Tal tarefa ou afirmação não se pode fazer senão com demonstração, a prova. Mas, a demonstração em si mesma tem seus graus. Porém, estes graus, mesmo os mais simples e mais evidentes dentre eles, são totalmente convincentes. E se o homem conservasse sua consciência no estado livre e natural, bastar-lhe-ia o modo de demonstração mais simples para crer no Criador: “...*não foram eles criados do nada, ou são eles os criadores?*” (Alcorão, Capítulo 52 – Versículo 35).

Infelizmente, o pensamento moderno, há dois séculos atrás, não deixou à consciência humana sua liberdade e sua pureza. É por isto que o esclarecimento, ou demonstração, precisa ser aprofundado e é imperativo para aqueles que obteram algum conhecimento sobre o pensamento moderno e seus métodos especiais de investigação científica, com o intuito de que as lacunas sejam preenchidas, ao ponto que se tornem provas simples e evidentes para a mente humana. E, todavia, devo optar por uma das duas possibilidades seguintes que estão a minha frente:



Quer dizer, escrevo a introdução para aqueles cuja consciência permanece livre e protegida das correntes do pensamento moderno (neste caso, a demonstração deve ser simplificada e a expressão clara e compreensível para a maioria dos leitores da “*Al-Fatawah Al Wadhiha*”). Ou a escrevo para aqueles que vivem o pensamento moderno, e aceitaram sua metodologia e atitudes no que se refere à teologia. Decidi optar pela segunda opção, já que a achei mais adequada.

Dito isto, me esforcei em ser explícito de uma forma geral, escrevendo ao nível dos intelectuais médios, universitários ou teólogos. Evitei, o máximo que possível, os termos e expressões matemáticas, assim como as explicações complicadas. Porém, ao mesmo tempo, preservei ao leitor mais conhecedor, seu direito a uma compreensão mais exaustiva, resumindo-lhe alguns pontos profundos e remetendo-lhe, para maiores detalhes, às minhas outras obras tais como “*Al-Usus Al-Mantiqiyya Lil Istiqrá*” (Os Fundamentos Lógicos do Raciocínio Indutivo). Ao mesmo tempo, fiz com que o leitor de um nível menos elevado encontre em certas partes desta introdução um sustento intelectual assimilável e provas mais convincentes. Em um plano geral, o primeiro processo na demonstração científica indutiva da existência do Criador pode ser, em si mesmo, suficiente e claro. Primeiro vamos tratar da questão do Revelador, depois do Mensageiro, e a seguir, da Mensagem. Para guiar minha tarefa, conto com Deus, no qual confio e ao qual pertença.

Mohammad Baqir Assadr

سُبْحَانَ اللَّهِ

وَالْحَمْدُ لِلَّهِ

وَلَا إِلَهَ إِلَّا اللَّهُ

وَاللَّهُ أَكْبَرُ

*“Louvado seja Deus,  
glorificado seja Deus,  
não há divindade além de Deus e  
Deus é o maior.”*



Assembleia Mundial Ahlul Bait (A.S.)

## **Crer em Deus, Glorificado e Exaltado**

Desde os tempos mais remotos o homem crê em Deus, o adora, lhe declara fidelidade e prova ter um profundo apego a Ele. Isso antes de conhecer toda a abstração especulativa e filosófica e de alcançar a compreensão completa dos modos de demonstração científica. Esta crença não nasceu de uma contradição de classes; nem do produto de exploradores injustos querendo consagrar e justificar sua exploração, nem do fato de explorados e vítimas de injustiças terem o desejo de encontrar, na crença, uma escapatória. Pois, na história da humanidade a fé precede todos estes conflitos. A fé em Deus não é fruto de apreensões diversas, nem de um sentimento de terror diante das catástrofes naturais ou dos comportamentos hostis da natureza. Se a religião fosse o fruto do medo e o resultado de um sentimento de terror, as pessoas mais religiosas seriam, no decorrer da história, as mais medrosas e as mais inclinadas ao pavor, porém, na verdade são as pessoas mais valentes e as mais aguerridas que tem sustentado o estandarte da religião através dos tempos. Esta crença é o reflexo de uma inclinação natural que leva o homem a unir-se com seu Criador; um sentimento íntimo e sólido que de uma forma inata une o ser humano ao Senhor e à sua existência.

Em uma etapa posterior de sua história, o homem se pôs a filosofar sobre as questões da existência, que lhe rodeavam. Ele tem lançado em mente noções gerais, tais como a existência, o nascimento, o dever, a possibilidade, a impossibilidade, a unidade, o número, a complexidade, a simplicidade, a parte, o todo, o progresso, subdesenvolvimento, a causa e o efeito. O homem tem uma tendência a utilizar e a aplicar estes conceitos na construção de argumentos que apóiem e reforcem sua crença original em Deus, tratando-a e justificando-a de forma filosófica.

Quando a experimentação científica se tornou, ou pareceu ser, um instrumento de saber, os pensadores compreenderam que estas noções gerais eram inadequadas para a tarefa de descobrir as leis da natureza, e também o eram para conhecer os segredos do Universo, estes últimos (os pensadores) acreditavam que a percepção e a observação científica constituíam o ponto de partida essencial para a busca de tais segredos e leis. Esta corrente sensualista de busca geralmente desenvolvia o conhecimento humano acerca do universo e o ampliava em grande medida (dimensão). Seu caminho começa pela afirmação de que a sensação e a experiência são dois instrumentos muito importantes que a razão e o conhecimento humano devem utilizar para descobrir os segredos do Universo e seu sistema completo, que rodeia o homem. Assim, em lugar de Aristóteles, por exemplo, que se sentaria em seu quarto fechado meditando sobre o tipo de relação que existiria entre o movimento de um corpo de um ponto a outro do espaço e a força motriz, concluindo que o corpo em movimento se imobiliza quando a força motriz se esgota; Galileu observava os corpos móveis para tomar nota e deduzir outro resultado e relação entre o movimento do corpo e a força que o anima. Ele descobriu que quando um corpo encontra uma força que o põe em movimento, não cessa seu movimento (ainda que essa força se esgote), se não se opõe a uma força que o para.

A análise empírica em questão tende a encorajar aos investigadores no domínio da natureza e das leis dos fenômenos do Universo a chegar às suas conclusões através de duas etapas: a primeira é a etapa da sensação e da experiência, o conjunto de resultados obtidos através disso; a segunda é a etapa racional, a dedução e coordenação desses resultados, com vistas a enquadrá-los em uma interpretação geral e aceitável. O sensualismo empírico, entretanto, em sua realidade científica e através das práticas de seus cientistas, não pretende tomar o lugar da razão. E tampouco, sem o uso da razão nenhum dos cientistas tem conseguido descobrir, pela sensação e a experiência, um segredo do universo nem uma de suas leis. Pois o cientista sempre deve analisar os dados obtidos através da observação dos sentidos com o intuito de chegar a conclusões

através de suas faculdades racionais. Pelo que sabemos, nenhuma conquista científica tem conseguido realizar-se sem a conjugação das duas etapas: a primeira, tratando do aspecto sensível; a segunda, tratando o aspecto dedutível e racional que a razão realiza, e que não pode ser percebido diretamente pelas sensações.

Assim, tomemos o exemplo da lei de atração universal. Newton não a percebeu pela sensação direta, nem pela força de atração entre dois corpos, nem pelo fato de que são inversamente proporcionais ao quadrado da distância entre seus corpos e diretamente proporcionais ao produto de multiplicação de suas massas; a percebeu pela sensação; tanto a queda da pedra quando a lançou ao ar, assim como a rotação dos planetas ao redor do sol. Pôs-se a pensar, então, sobre os dois fenômenos simultaneamente e esforçou-se em explicá-los apoiando-se nas teorias de Galileu e da aceleração regular dos corpos caindo sobre terra ou deslizando sobre superfícies inclinadas, e beneficiando-se das leis de Kepler que tratavam do movimento dos planetas, e entre estas teorias uma estipula que “o quadrado do tempo da rotação de cada planeta ao redor do Sol é proporcional a distancia que o separa”. É, pois, à luz de todos estes conhecimentos e observações que Newton descobre a lei de atração universal. Ele supôs que “todos os corpos materiais se atraem mutuamente, determinados por suas massas e suas distâncias”.

Esta tendência empírica e experimental de busca sobre o sistema do Universo poderia ter conseguido, e deveria, prover um novo argumento de apoio à crença em Deus, em razão de suas possibilidades de descobrir todas as classes de harmonia (os fenômenos do Universo e as provas da Sabedoria) que indicam a existência do Criador. Porém, os cientistas, que se preocupam com os fenômenos naturais, não estavam preocupados com o esclarecimento desta questão, considerada, até hoje, como um problema filosófico, segundo a classificação em vigor, entre os problemas e questões do saber humano. Então, novas tendências surgiram dentro da filosofia, fora do âmbito das ciências naturais, que batalharam para converter em filosofia o método empírico, e apresentá-lo numa terminologia lógica e formal. Esta nova filosofia

declarou que o único meio para se alcançar o conhecimento é a experiência sensualista, e que onde a percepção termina o conhecimento humano se encontra, e que tudo aquilo que não pode ser submetido nem de uma forma nem de outra a experiência, o homem não tem meios de prová-lo.

Partindo desta afirmação vários elementos serviram-se rapidamente desta idéia de ciência experimental para refutar a idéia da crença em Deus: dado que Deus não é um ser perceptível pela sensação e que não se pode nem ver-lhe nem ter a sensação de Sua existência, não se pode, pois, prová-lo. Esta utilização impertinente do sensualismo não foi feita pelos cientistas que tinham praticado com êxito o método da experimentação, mas sim por um grupo de filósofos de tendência racionalista que lhe deram uma interpretação filosófica ou racional inexata. Mas pouco a pouco, estas tendências extremistas caíram em contradição. No plano filosófico se viram arrastadas a renegar a realidade objetiva, quer dizer, negar a realidade do Universo no qual vivemos, como um todo e em seus detalhes. Isto por que eles argumentam que não existem outros meios para se obter o conhecimento que não sejam os sentidos. A sensação que nos apresenta às coisas à medida que nós as percebemos, não como elas são. Assim, quando percebemos uma coisa, podemos afirmar que existe em nossa percepção; quanto a sua existência fora de nossa consciência, de uma forma objetiva, independente e anterior à sensação, não podemos prová-la. Vendo a lua e o céu, podemos afirmar somente que nós vemos e percebemos a lua neste momento exato. Quanto a saber se a lua existe realmente no céu e se ela existia antes que nós abrissemos nossos olhos para vê-la, aqueles que tinham estas tendências filosóficas eram incapazes de afirmar tais fatos. Exatamente como o estrábico, que vê as coisas que não existem e afirma que as vê, porém sem poder afirmar sua existência real. Assim, esta nova tendência empírica destruiu a experiência como um método epistemológico, tornando-a o ponto final dos limites do conhecimento humano. O conhecimento baseado na percepção se tornou um mero fenômeno da mente, sem uma existência objetiva independente de nossa consciência e percepção.

No plano racional, o sensualismo, em sua versão mais moderna, se encaminha para a seguinte posição: se a verdade ou a falsidade do significado de uma frase não podem ser verificadas pela sensação ou pela experiência, a frase é considerada como um grupo de palavras desprovidas de sentido, exatamente como as letras do alfabeto que se pronunciam em uma ordem dispersa. Porém, quando se pode verificar a veracidade ou a falsidade de seu significado, constitui uma palavra que tem um sentido. Neste segundo caso, se a percepção estabelece a conformidade de seu significado à realidade, a frase é verídica. Em revanche, se esta sensação estabelece o contrário, é considerada como falsa. Assim, se dizemos: “a chuva cai do céu no inverno”, fazemos uma frase que tem significado (por seu conteúdo). Porém se dizemos: “a chuva cai do céu no verão”, a frase tem um sentido, mas o conteúdo é falso. A frase: “uma coisa que não se pode ver nem perceber cai na “Noite do Decreto” (*Laylat Al-Qadr*, noite especial para os muçulmanos), não tem sentido, seja ela verdadeira ou falsa. Dado que não se pode verificar o seu conteúdo nem pela percepção nem pela experiência; pois é exatamente como se disséssemos: “daas”<sup>1</sup> cai dos céus na Noite do Decreto.

Da mesma forma que a outra frase não tem sentido, esta também não tem. Por conseguinte, dizer, Deus existe, é como se dizer: “Daas” existe. Do mesmo jeito que a segunda frase está desnuda de sentido, a primeira também está, dado que não se pode conhecer a Deus pela percepção e pela experiência.

Esta corrente racionalista tropeça-se com uma contradição pela simples razão de que seu raciocínio, baseado na extrapolação, não pode ser percebido pela percepção direta, resultando assim, uma palavra carente de sentido.

O racionalismo procede por generalização, do fato que pretende que toda frase cujo significado não pode ser verificado pela percepção e a experiência não tem sentido. Toda generalização excede o quadro da

---

1. Palavra sem sentido, inventada pelo autor como exemplo de algo sem-sentido.

percepção, pois esta não cobre mais que os casos parciais e limitados. Desta forma, esta corrente tem acabado por contradizer a ela mesma, além de contradizer todas as generalizações científicas com as quais os cientistas interpretam de uma forma global os fenômenos do Universo; pois a generalização (todas elas) não pode ser percebida diretamente pela percepção, e é, sobretudo, deduzida e demonstrada a partir dos indícios provenientes dos fenômenos perceptíveis limitados.

Por sorte, a ciência não tem prestado atenção, em sua marcha e em sua evolução contínua, a estas correntes. Ela prossegue em suas buscas nos descobrimentos a cerca do Universo sempre a partir da percepção e da experiência; e, ultrapassa os limites estreitos das tendências filosóficas e racionalistas. Ela emprega os esforços racionais em vistas a coordenar os fenômenos, voltar a colocá-los nos quadros normativos gerais e descobrir os laços e as relações que existem entre eles.

Paralelamente, a influência filosófica e racional das tendências extremistas se reduziu ao mesmo nível que as doutrinas filosóficas materialistas. Assim, a filosofia materialista moderna, representada pelos adeptos do materialismo dialético, rejeita completamente todas estas tendências e se atribui o direito de ultrapassar o quadro da percepção e da experiência, a qual é a primeira fase pela qual o cientista começa sua busca, assim como também foi além da segunda fase, pela qual o cientista termina essa busca. Isto foi necessário para que o investigador pudesse comparar os diferentes resultados das teorias científicas e pudesse organizá-los sob uma interpretação teórica geral, determinando os laços e as relações eventuais que existem entre estes resultados.

O materialismo dialético, último herdeiro do materialismo na história, se tornou uma filosofia abstrata a partir do ponto de vista das modernas posições filosóficas empíricas. O novo materialismo filosófico finalmente chegou a uma visão do mundo que se dá a partir de um quadro dialético. Isto significa que o materialismo e o teísmo concordam em ultrapassar o quadro da percepção, que as correntes materialistas extremistas alegavam estar presas à filosofia. Então, torna-se possível para a investigação e o conhecimento, utilizar-se de dois estágios. O primeiro consiste na compilação dos resultados da percepção



e da experimentação, e o segundo na interpretação teórica e racional destes resultados. Porém, o que separa o teísmo do materialismo é o tipo de interpretação que necessita ser dado aos diferentes resultados da ciência obtidos após a segunda fase. O materialismo rejeita qualquer interpretação que pressupõe a existência de um Criador, e o teísmo insiste que a interpretação destes resultados nunca pode ser convincente sem a aceitação da existência de um Criador.

Agora vamos expor dois tipos de demonstração da existência do Criador. Cada um deles encarna os dons da sensação e da experiência de um lado, e da influência do racionalismo como prova de nossa argumentação de outro. Chamamos a primeira de demonstração científica (indutiva), e a segunda de demonstração filosófica. Antes de começar com a primeira demonstração, a científica, é conveniente começar definindo-a.

A demonstração científica é toda demonstração baseada na percepção e na experimentação, seguindo o método de raciocínio indutivo fundado sobre o cálculo das possibilidades. É este método de raciocínio indutivo fundado sobre o cálculo das possibilidades, o que nós adotamos como método de demonstração científica, com o fim de provar a existência do Criador. Chamaremos a demonstração científica da existência do Criador de demonstração indutiva. O método da demonstração não é a demonstração em si mesma. Pois se pode demonstrar que o Sol é maior que a Lua baseando-se nas afirmações dos cientistas: o método empregado aqui é a aceitação das afirmações dos cientistas como provas da verdade. Se poderia igualmente argumentar que fulano irá morrer rapidamente baseando-se em um sonho que alguma pessoa pudesse ter tido, e no qual sonhasse com a morte do indivíduo em questão. O método, neste caso, é tomar os sonhos como demonstração da verdade. Também se pode argumentar que a terra é um grande ímã bipolar que tem um pólo negativo e um pólo positivo; o argumento aqui é que uma agulha imantada em posição horizontal orienta sempre uma de suas duas extremidades para o Norte, a outra para o Sul. Neste caso o método consiste em adotar a experiência como demonstração. A veracidade de cada prova ou demonstração está fundamentalmente ligada à veracidade do método do qual ela depende.

## A Demonstração Científica da Existência de Deus

Já dissemos que a demonstração científica da existência de Deus adota o método de raciocínio indutivo, que é baseado no cálculo das possibilidades. Antes de revisar esta demonstração queremos explicar de antemão este método e avaliá-lo, com o fim de saber em que medida podemos confiar nele para descobrir a verdade sobre as coisas.

O método da demonstração indutiva fundada sobre o cálculo das possibilidades tem formas complexas e um alto grau de precisão. Uma apreciação global e precisa deste método necessita de um estudo analítico completo dos fundamentos lógicos da indução e da teoria da probabilidade. Também prestaremos atenção para poupar o leitor de dificuldades, assim como poupá-lo de todas as fórmulas complexas e de toda análise dificilmente compreensível. Para isto, devemos fazer duas coisas: primeiro devemos determinar o método da demonstração que vamos seguir e explicar, simplificar e resumir seus passos. Em segundo, devemos avaliar este método e determinar em que medida nós podemos confiar nele. Para isto, não usaremos uma análise racional, nem uma explicação das bases lógicas e matemáticas sobre as quais o método está fundado (pois isto nos obrigaria a abordar questões e idéias complexas), mas sim, iremos nos referir às aplicações práticas, geralmente admitidas por todo homem racional.

Explicaremos que o método adotado na demonstração da existência do Criador é o mesmo que utilizamos tanto na demonstração da nossa vida cotidiana, como nas de pesquisas científicas e experimentais, demonstrações estas as quais damos inteira confiança. E dado que colocamos nossa confiança nesse método para demonstrar as verdades de nossa vida cotidiana, também devemos confiar nele para demonstrar a existência do Criador, o Qual é a base de todas as verdades. Isto é o que vamos explicar a seguir.

Em sua vida cotidiana e habitual, quando você recebe uma carta pode adivinhar antes de lê-la que vem de vosso irmão, por exemplo. Quando você constata que um médico persiste em curar numerosas enfermidades, põe confiança nele e estima que é hábil. Quando alguém toma uma injeção de penicilina dez vezes e constata que em todas as vezes isso lhe foi prejudicial você deduz que o corpo dessa pessoa tem uma alergia particular contra a penicilina. Em todas estas deduções e em outros casos similares, utiliza-se, em realidade, o método de demonstração indutiva, baseado no cálculo das probabilidades. Em outro plano, imaginemos que um cientista tem observado através de sua busca científica as propriedades particulares do sistema solar, e conclui que os astros que o compõe faziam parte, de fato, do Sol. Dessa forma, ele demonstra a existência de Netuno, um dos planetas deste sistema, deduzindo tal fato a partir da observação das trajetórias dos movimentos dos planetas, antes mesmo de observar Netuno com sua visão. Da mesma forma, um cientista pode deduzir, à luz de fenômenos precisos, a existência dos elétrons antes de descobrir o átomo. Na verdade, em todos estes casos os cientistas têm seguido o método de raciocínio indutivo, baseado no cálculo das probabilidades.

É este mesmo método que vamos adotar para demonstrar a existência do Criador; e é o que vamos ver claramente, quando falarmos mais sobre esta demonstração.

### **a) A Determinação do Método e Suas Demarcações**

O método da demonstração indutiva baseada no cálculo das probabilidades pode resumir-se (por ser simples e claro) em cinco pontos:

1) Consideramos que no quadro da percepção e da experiência encontramos numerosos fenômenos.

2) Depois de observá-los e reuni-los passamos à fase de interpretação dos mesmos. O que se exige nesta fase é que se ache uma

hipótese válida para interpretar todos estes fenômenos e justificá-los. Por “válida para interpretar todos esses fenômenos”, entendemos o fato de que se a hipótese for estabelecida na realidade ela deve estar inerente, ou no mínimo estar em concordância, com a existência de todos esses fenômenos (que existem efetivamente).

3) Salientamos que se esta hipótese não está nem justificada nem estabelecida na realidade a possibilidade de existência destes fenômenos é muito pequena. Em outros termos, se supomos que a hipótese é inexata, o grau de probabilidade de existência de todos estes fenômenos, comparado com a possibilidade de não existência dos mesmos, ou de apenas um deles, é muito pequeno, um em um milhão ou até mesmo um em cem, e assim por diante.

4) Sendo assim, concluímos que a hipótese deve ser verdadeira, e nesse caso, nossa previsão de sua veracidade é a nossa experiência frente aos fenômenos na qual se baseia e que vimos no primeiro passo.

5) A possibilidade destes fenômenos de demonstrar a hipótese oferecida no segundo passo varia e está diretamente relacionada com a probabilidade de existência destes fenômenos, e inversamente relacionada com a probabilidade de não-existência dos mesmos. Se assumirmos a chance de erro na hipótese, mesmo que seja pequeno, maior será o grau de chances de que se alcance a certeza total da exatidão da hipótese.

De fato, há regras e critérios precisos baseados no cálculo das possibilidades para a determinação de uma probabilidade. Nos casos ordinários, o homem aplica de uma forma natural e inata, e quase sempre, corretamente, estes critérios e regras. Devido a isso, nos contentaremos em basear-nos aqui na apreciação natural e inata do valor da probabilidade, sem entrar nos detalhes complexos dos fundamentos lógicos e metafísicos de tal apreciação. Tais são, pois, os pontos que se seguem habitualmente em todo raciocínio indutivo baseado no cálculo das probabilidades, seja na vida comum em um nível de busca científica ou na demonstração que vamos utilizar a seguir para provar a existência do Criador.

## **b) A Apreciação do Método**

Para apreciar o valor deste método através das aplicações e dos exemplos, como prometemos, começaremos com alguns exemplos correntes.

Nós já dissemos que quando você recebe uma carta, a lê e deduz que ela veio de seu irmão e não de outra pessoa que quer corresponder-se com você, nisto, você está utilizando um raciocínio indutivo baseado no cálculo das probabilidades. E mesmo tão evidente que possa parecer-lhe esta dedução, a fez, na verdade, por raciocínio indutivo idêntico ao que nós fazemos referência.

Assim, o primeiro ponto utilizado mentalmente por você foi o de confrontar vários “fenômenos” (indicações) tais como: o fato de que o nome do remetente corresponde perfeitamente ao de seu irmão, que a caligrafia da carta, em todos seus detalhes, é idêntica a de seu irmão; que as palavras, e os sinais de pontuação, estão dispostos da mesma forma à que seu irmão utiliza; que o estilo, a expressão e seu grau de solidez, assim como seus pontos fracos e seus pontos fortes, correspondem inteiramente aos de seu irmão; que a ortografia e as faltas ortográficas são as mesmas; que as informações descritas pela carta correspondem às que seu irmão conhece; que seu remetente lhes pede coisas e expõe opiniões que traduzem perfeitamente as necessidades e as opiniões de seu irmão... Tais são, pois, as indicações (os fenômenos) que você têm identificado na primeira demarcação.

No segundo ponto, você se pergunta se “esta carta foi realmente enviada por seu irmão ou por outro indivíduo que leva o mesmo nome”. Aqui, emitem-se hipóteses com o fim de explicar e justificar todas essas indicações e saber se a carta é realmente de seu irmão. Dado que se é de seu irmão, é de todo normal que comporte todos estas provas que você tinha listado no primeiro ponto.

No curso do terceiro ponto, você se pergunta o seguinte: “se a carta não fosse de meu irmão, mas de outra pessoa, qual seria a

possibilidade desta carta conter todas as indicações e particularidades que observei no primeiro ponto?” Tal possibilidade requer a existência de um grande número de coincidências correspondentes ao número de todas as indicações e particularidades observadas: é necessário supor que se trata de uma pessoa que leva o mesmo nome que seu irmão e tenha a mesma escrita (grafia, disposição das palavras, etc), o mesmo estilo, a mesma expressão, o mesmo nível lingüístico e ortográfico, o mesmo número de informações e necessidades, assim como muitas outras circunstâncias e equívocos. A probabilidade da reunião de tal número de coincidências é muito fraca. E, quanto maior o número de coincidências sobre as quais se tem que supor a existência aumenta, mais a probabilidade dos mesmos serem verdadeiros se diminui.

Os fundamentos lógicos da indução nos ensinam como avaliar uma probabilidade e nos explicam como ela se debilita, o que se dá proporcionalmente ao aumento de número de fatores a que está ligada. Porém, para um leitor que não é um *expert* não é necessário entrar em tais detalhes difíceis e complexos. Felizmente, a debilidade da probabilidade não depende imperativamente da compreensão de ditos detalhes: assim como a queda de um homem ao solo não depende de sua compreensão da força de gravidade, nem de seu conhecimento a respeito dos dados e princípios científicos da gravidade. Sendo assim, não há necessidade de se realizar um grande esforço para compreender que a chance de existência de um indivíduo que se parece com seu irmão em todos esses detalhes é muito improvável.

Da mesma forma, um banco também não necessita assimilar os fundamentos lógicos da indução para compreender que o grau de probabilidade de ver todos seus clientes retirar ao mesmo tempo seus depósitos bancários, é muito baixo; assim como a probabilidade de que um ou dois deles os retirem é muito alta.

No quarto ponto, você diz: “dado que é pouco provável achar todas estas indicações em uma carta que não seja de meu irmão, é muito provável, pois, que seja de meu irmão”.

No quinto ponto, você relaciona a grande probabilidade (pela qual opta no quarto ponto, e segundo a qual “a carta seguramente é de seu irmão”) à fraca probabilidade do terceiro ponto, segundo o qual “é pouco provável encontrar todas estas indicações na carta se ela não é de seu irmão”, concluindo que a forte probabilidade é inversamente proporcional à fraca probabilidade. Assim, quanto mais se debilita a probabilidade fraca, mais cresce a probabilidade forte; ela se reforça e aparece como mais convincente. E se não há contra-indicações suscetíveis de se fazer pensar que esta carta não é de seu irmão, os cinco pontos são suficientes para levar-lhe à convicção total de que a carta vem dele.

Depois desse exemplo da vida cotidiana que foi escolhido, tomamos outro exemplo escolhido entre os procedimentos que os cientistas utilizam para demonstrar e provar uma teoria científica; neste caso, o nascimento dos planetas. Segundo esta teoria, os nove planetas são originários do sol, e, ao se separar dele, passaram milhões de anos sob a forma de pedaços flamejantes. Os cientistas geralmente concordam a respeito da origem dos planetas, porém, divergem quanto à causa de sua separação do sol. A demonstração da origem dos planetas se realiza segundo os seguintes pontos:

No primeiro ponto, os cientistas têm observado muitos fenômenos e os tem percebido pela percepção e a experiência. Dentre esses fenômenos assinalamos os seguintes:

a) A translação da Terra ao redor do Sol está em concordância com a rotação do sol, e ambos efetuam seus movimentos no sentido Oeste-Leste.

b) A rotação da Terra ao redor de si mesma está em afinidade com a rotação do Sol ao redor de si mesmo (Oeste-Leste).

c) A Terra gira ao redor do Sol em uma órbita paralela a linha equatorial do Sol, de tal forma que o Sol forma um pólo, e a Terra um ponto situado sobre a órbita.

d) Os mesmos elementos que compõe a Terra são em sua maioria encontrados no Sol.

e) Há uma grande similaridade entre os elementos da Terra e do Sol, no que tange às suas composições químicas, e, por exemplo, em ambos o hidrogênio predomina.

f) A velocidade da rotação da Terra sobre si mesma está em harmonia com a velocidade da rotação do Sol ao redor de si mesmo.

g) De acordo com os cálculos dos cientistas, há uma concordância entre a idade da Terra e a idade do Sol.

h) O interior da Terra é quente o que prova que a Terra, em seus primórdios, foi muito quente.

No segundo ponto, os cientistas encontraram uma hipótese que pode explicar todos os fenômenos que tinham observado no primeiro ponto. Dito de outra forma, se a hipótese se estabelece na realidade, ela deve poder justificar e sondar todos os fenômenos em questão. Segundo esta hipótese, a Terra fez parte do Sol antes de separar-se dele por uma razão qualquer; isto é o que deve permitir-nos explicar estes fenômenos.

Assim, no primeiro fenômeno, segundo o qual a translação da Terra ao redor do Sol concorda com a rotação do sol ao redor de si mesmo, e ambos efetuam seus movimentos no sentido Oeste-Leste, a concordância se explica (admitindo a possibilidade da hipótese) pelo fato de que quando um pedaço se separa de um corpo ele gira, permanecendo atado por um fio ou outro meio qualquer, e deve continuar girando no mesmo sentido que o movimento do corpo, como estipula a lei da continuidade. Para o segundo fenômeno, a concordância da rotação da Terra ao redor de si mesma com a rotação do Sol ao redor de si mesmo, no sentido Oeste-Leste, se explica pela mesma lei, pois o pedaço desprendido de um corpo deve continuar girando no mesmo sentido que o movimento do corpo. O que é válido para o segundo fenômeno é igualmente válido igualmente para o terceiro. No quarto e quinto fenômenos, a similaridade entre a presença dos elementos e suas proporções no Sol e a Terra, se justificam facilmente pelo fato de que a Terra é uma parte do Sol, e os elementos da parte de um todo são os



mesmos que os do todo. No que concerne ao sexto fenômeno, a concordância da velocidade da translação da Terra ao redor do Sol e da sua rotação ao redor de si mesma, tende ao fato que os movimentos da terra obtêm sua origem no movimento do Sol. No sétimo fenômeno temos a teoria da separação de ambos (Terra e Sol), a qual explica a concordância entre a idade da Terra e a do Sol. É igualmente esta teoria da separação que nos explica o oitavo fenômeno, segundo o qual a Terra estava muito quente quando passou pelo seu nascimento.

No terceiro ponto, se supomos que a teoria da separação da Terra e do Sol é inexata será fácil pensar que é pouco provável reencontrar todos esses fenômenos reunidos. Pois, sua reunião nestas condições significaria a reunião de uma série de coincidências sem uma conexão entre elas. Pois, a probabilidade de vê-las todas reunidas, supondo a inexatidão da teoria em questão, é fraca demais; dado que para poder explicar todos os fenômenos descritos, há a necessidade de um grande número de hipóteses (suposições).

Assim, no que concerne à concordância entre a movimentação da Terra ao redor do Sol e do Sol ao redor de si mesmo, no sentido Oeste-Leste, há de se supor que a Terra era originalmente um corpo celeste, situada longe do Sol, seja ela criada independentemente do Sol ou como parte de outro sol, antes de ser separada dele, e se aproximou dele; por conseguinte há de se supor também que esta Terra, viajando de forma livre pelo espaço, entrou em sua órbita ao redor do Sol por um ponto situado a Oeste deste. De outra forma, se tivesse entrado nesta órbita por um ponto situado a Leste, ela teria girado no sentido contrário (Leste-Oeste).

No que concerne à concordância entre as rotações da Terra e do Sol, no sentido Oeste-Leste, podemos supor, por exemplo, que o outro sol do qual a Terra se separou, girava no sentido Oeste-Leste. Para justificar o movimento da Terra ao redor do Sol em uma órbita paralela ao equador solar, podemos supor aqui, igualmente, que o outro sol do qual a Terra teria se originado estaria situado em um ponto perpendicular ao equador do nosso

Sol. Quanto à concordância entre os elementos e suas quantidades, entre a Terra e no Sol, devemos supor que O Sol, de onde a Terra teria sido separada, tinha os mesmos elementos, e em proporções idênticas, que os encontrados em nosso sol. Quanto à concordância e harmonia entre a velocidade da translação da Terra ao redor do Sol e a rotação do Sol, podemos supor, sempre a título de exemplo, que este outro sol em questão explodiu, de uma maneira que deu a nossa Terra uma velocidade similar à do nosso Sol. E, enfim, no que concerne à idade da Terra e do Sol, e ao calor da Terra em seu nascimento, podemos supor que a Terra teria sido separada de outro sol que tivesse a mesma idade que nosso Sol, e, que esta separação foi produzida de tal forma, que teria provocado nela um grau de calor muito alto. Como acabamos de ver, para justificar a reunião dos fenômenos observados, há de se admitir e se supor como falsa a hipótese da separação, e se admitir a presença de uma série de acasos, pois dita reunião de fenômenos é pouco provável. Em contraste, a teoria da separação é suficiente para explicar estes fenômenos e ligá-los uns aos outros.

No quarto ponto concluímos que dada à existência de todos esses fenômenos observados na Terra, é pouco provável supor que a Terra não se separou do Sol; logo, estes fenômenos existem efetivamente, pois é provável que a Terra tenha se separado do Sol.

No quinto e último ponto estabelecemos um laço entre a grande probabilidade (a da separação da Terra e do nosso Sol) que foi escolhida no quarto ponto, e a pequena probabilidade (a de achar todos os fenômenos reunidos na Terra sem admitir a separação desta do nosso Sol), que apresentamos no terceiro ponto. Unindo estes dois pontos podemos concluir que, tanto mais a debilidade da probabilidade enunciada no terceiro ponto se acentua, mais a plausibilidade da grande probabilidade estabelecida no quarto ponto aumenta. E a partir destes fatos podemos demonstrar a teoria da separação da Terra e do Sol; e é por meio deste método que os cientistas têm adquirido sua convicção absoluta.

## Como Usar este Método para Provar a Existência do Criador

Depois de aprender sobre o método geral da demonstração indutiva baseado no cálculo das probabilidades, e depois de tê-lo apreciado através de suas aplicações, nos esforçamos agora em ampliá-lo em vistas a demonstrar a existência do Criador, seguindo pelos mesmos pontos:

No primeiro ponto notamos uma concordância constante entre um vasto número de fenômenos individuais e as necessidades do homem como ser vivente que possui exigências para o desenvolvimento de sua vida, de forma que toda substituição de um destes fenômenos conduz à asfixia da vida humana na Terra, ou mesmo à sua paralisia. Mencionaremos, a título de exemplo, alguns destes fenômenos:

A Terra recebe do Sol uma quantidade de calor que lhe assegura uma temperatura adequada para a formação da vida e satisfação das necessidades dos seres vivos, de forma exata, nem mais, nem menos. Constatou-se cientificamente que a distância que separa a Terra do Sol é perfeita para que a quantidade de calor necessária para a vida na Terra seja correta. Se esta distância fosse o dobro da que é efetivamente, não haveria calor suficiente para a formação da vida; e se ela fosse a metade do que é, o calor teria sido o dobro, o que seria insuportável para a vida na Terra. Observamos também que a crosta terrestre e os oceanos possuem, em seus variados compostos químicos, uma grande quantidade de oxigênio, de tal forma que constitui oito décimos de toda a água do mundo. Apesar disso, e apesar da tendência do oxigênio de se combinar com outros elementos químicos, uma parte deste gás permanece livre para participar da composição do ar. Esta parte provê a Terra com uma das mais condições essenciais para que haja vida nela, pois os seres viventes (Homem ou animal) necessitam do oxigênio para respirar, e se todo oxigênio tivesse sido retido em forma composta, a vida não poderia ter existido. Também observamos que a taxa de oxigênio livre corresponde perfeitamente à necessidade do Homem.

O ar se compõe, em efeito, de 21% de oxigênio. Se esta porcentagem fosse mais elevada, o meio ambiente teria sido exposto a incêndios permanentes. E se fosse menos elevada, a vida teria sido impossível ou muito difícil, e não haveria oxigênio o suficiente para atender as necessidades da vida.

Igualmente, observamos um fenômeno natural que se repete continuamente milhões de vezes através dos tempos, e que permite que sempre haja uma taxa determinada de oxigênio. Quando o Homem, e de uma maneira geral o Animal, respira e inspira o oxigênio, o sangue recebe-o e distribui por diferentes partes do corpo. Este oxigênio então inicia o processo de combustão do alimento no corpo; o que produz o gás carbônico, o qual remonta aos pulmões para ser devolvido ao ar. Assim, o Homem e outras espécies animais produzem continuamente este gás que constitui uma condição necessária para a vida de todo ser vegetal; este, por sua vez, recebendo o gás carbônico, lhe separa do oxigênio, que devolve em sua forma pura ao ar, para ser apto de novo à respiração. Através desse processo de troca entre o animal e o vegetal, o oxigênio tem conseguido manter sua taxa; e sem ele, o oxigênio seria raro e a vida do Homem teria sido quase impossível. E na verdade, são milhares de fenômenos naturais que têm ocorrido continuamente na realização deste processo de troca, perfeitamente adaptado às exigências da vida.

Observamos que o nitrogênio, por ser um gás pesado, tende a descer, mas quando se combina com o oxigênio no ar ele se torna leve o suficiente para ser útil para a vida na Terra. Em outros termos, as quantidades de oxigênio e de nitrogênio do ar estão em uma proporção perfeita para que um torne o outro leve. Se o oxigênio aumentasse ou o nitrogênio diminuísse este processo não aconteceria.

Ressaltamos também que a quantidade de ar existente na Terra é limitada, não excede a uma milionésima parte da massa do globo terrestre. Esta quantidade é justamente a que se faz necessária para que seja possível a vida do Homem na Terra. Se chegasse a aumentar ou a diminuir a vida seria de difícil a impossível. Pois seu aumento significaria o aumento da pressão do ar sobre o Homem, este aumento

poderia deixar a temperatura insuportável; e sua diminuição faria com que meteoros caíssem na Terra constantemente, tais meteoros penetrariam na terra facilmente e aniquilariam tudo que vive nela.

Notamos também que a crosta terrestre, que absorve o dióxido de carbono e o oxigênio, é estruturada de uma forma que não absorve a totalidade desses gases. Se fosse mais espessa os absorveria inteiramente, o que teria acarretado na aniquilação da vida vegetal, do animal e humana. Outro fato que observamos é que a Lua está situada a uma distância precisa da Terra, distância esta que é necessária para que a vida do Homem sobre a Terra possa desenvolver-se normalmente. Se essa distância fosse relativamente mais curta, as marés que a Lua provoca teriam sido capazes de deslocar as montanhas.

Igualmente, observamos que os seres vivos possuem muitos instintos. Se por um lado o instinto é uma noção metafísica e não pode ser submetido à observação científica, por outro, a conduta que tais instintos expressam não é abstrata. Este fenômeno pode ser perfeitamente observado cientificamente. Este comportamento instintivo expresso através de milhares de instintos que o homem pôde observar através de sua vida cotidiana ou de suas buscas científicas está em perfeita sintonia com o desenvolvimento da vida e sua proteção. Tal conduta instintiva se atém a um alto grau de complexidade e precisão. Quando lhe dividimos em várias partes observamos que cada unidade está localizada na posição exata que lhe permite dirigir bem sua missão, fazendo com que a vida se desenvolva e seja protegida.

A estrutura fisiológica de Homem exhibe milhões de fenômenos naturais e fisiológicos. Cada um destes fenômenos está ligado, seja por sua concepção, sua função fisiológica e suas correlações com todos os outros fenômenos, à tarefa do encaminhamento da vida e sua proteção. Tomemos, por exemplo, um grupo de fenômenos que estão ligados entre si, de forma a adaptar-se perfeitamente à função da visão e à ação de facilitar a percepção das coisas de forma útil: o cristalino dos olhos projeta a imagem sobre a retina. Esta está constituída de várias camadas; a última delas se compõe de milhões de cones e bastões minúsculos que estão dispostos de uma forma que permite a visão. Há apenas uma anomalia,

a imagem refletida sobre ela está invertida, porém, isso se trata de uma exceção momentânea, pois tal anomalia ocorre em uma fase anterior à da percepção visual definitiva, o que não nos deixa perceber os objetos de uma forma inversa. A imagem invertida sobre a retina, será, na verdade, corrigida e levada pelas milhões de redes de nervos até o cérebro, e é apenas neste momento que a percepção visual se torna completa, sendo ela um fator importante para o desenvolvimento da vida.

Da mesma forma, a beleza, o perfume e o esplendor, como fenômenos naturais, existem para cumprir os seus papéis como apoiadores da vida. Assim, as flores, cuja fecundação se efetua por meio de insetos, são dotadas de elementos de beleza e atração, tais como as cores estalantes e o perfume atrativo, que existem devido a necessidade de atrair o inseto para a flor, o que fará a fecundação, e outras flores, cuja polinização se faz graças ao vento, são privadas do mesmo. Quanto ao fenômeno da harmonia perfeita na estrutura fisiológica do macho e da fêmea, isso no Homem, nos Animais e nos Vegetais, tal harmonia permite que se assegure a fecundação e a perpetuação da vida, e a mesma caracteriza-se como outro índice universal da harmonia entre a natureza e a missão de facilitar a marcha da vida.

يقول تعالى في سورة النحل آية 18

﴿وَإِنْ تَعُدُّوا نِعْمَةَ اللَّهِ لَا تُحْصُوهَا إِنَّ اللَّهَ لَعَفُورٌ رَحِيمٌ﴾

*“Porém, se pretenderdes contar as mercês de Deus, jamais podereis enumerá-las. Sabei que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.”* (Alcorão, C.16 – V.18).

No segundo ponto notamos que esta concordância constante do fenômeno natural com a missão de assegurar e facilitar a vida, o que encontramos em milhões de situações, pode ser explicada em todas as partes e sempre por uma só hipótese: a suposição da existência de um Criador deste Universo, que quis dotar esta Terra com dois elementos da vida, e Ele mesmo organizou as funções existentes. Esta hipótese pode justificar todas as hipóteses observadas.

No terceiro ponto, perguntamos-nos o seguinte: se a hipótese da existência de um Criador não foi provada, qual será a plausibilidade da probabilidade da existência fortuita ou gratuita de todas estas congruências, ou seja, a harmonia entre os fenômenos naturais e a missão de assegurar a vida? É evidente que tal probabilidade supõe a presença de um número elevado de acasos. Se, como vimos anteriormente, a probabilidade é fraca no exemplo da carta onde havia uma possibilidade remota da mesma não ser de seu irmão e vir de outra pessoa que pelos indícios da carta lhe tenha parecido ter sido o seu irmão, o quão alta você acha que seria a probabilidade desta Terra ter sido um produto criado de forma fortuita e acidental?

No quarto ponto, concluímos que a hipótese que formulamos no segundo ponto é possível, ou seja, a existência de um Criador é algo válido.

No quinto ponto relacionamos esta probabilidade com a pequena probabilidade que constatamos no terceiro ponto. E sendo que a probabilidade do terceiro ponto se debilita proporcionalmente ao aumento do número de acasos que devíamos supor-lhe, é evidente que esta probabilidade é fraca demais com relação às probabilidades do terceiro ponto de raciocínio indutivo utilizado em toda a lei científica. Pois o número de acasos que devemos supor imperativamente no terceiro ponto de nossa demonstração científica é superior ao número de acasos supostos em toda outra probabilidade similar. Esta probabilidade é, pois, nula. Assim, chegamos à conclusão que existe um Criador, conclusão esta baseada em todos os sinais da harmonia e da ordem que nos proporciona o Universo:

يقول تعالى في سورة فصلت آية 53

﴿سُنِّرِيهِمْ آيَاتِنَا فِي الْآفَاقِ وَفِي أَنْفُسِهِمْ حَتَّىٰ يَتَّبِعِنَ لَهُمْ أَنَّهُ الْحَقُّ  
أَوَلَمْ يَكْفِ بِرَبِّكَ أَنَّهُ عَلَىٰ كُلِّ شَيْءٍ شَهِيدٌ﴾

“De pronto lhes mostraremos os Nossos sinais em todas as regiões (da terra), assim como em suas próprias pessoas, até que lhes seja esclarecido que ele (o Alcorão) é a verdade. Acaso não basta teu Senhor, Que é Testemunha de tudo?” (Alcorão, C. 41 – V.53)

يقول تعالى في سورة البقرة آية 164

﴿إِنَّ فِي خَلْقِ السَّمَاوَاتِ وَالْأَرْضِ وَاخْتِلَافِ اللَّيْلِ وَالنَّهَارِ وَالْفُلْكِ الَّتِي تَجْرِي فِي الْبَحْرِ بِمَا يَنْفَعُ النَّاسَ وَمَا أَنْزَلَ اللَّهُ مِنَ السَّمَاءِ مِنْ مَّاءٍ فَأَحْيَا بِهِ الْأَرْضَ بَعْدَ مَوْتِهَا وَبَثَّ فِيهَا مِنْ كُلِّ دَابَّةٍ وَتَصْرِيفِ الرِّيَّاحِ وَالسَّحَابِ الْمُسَخَّرِ بَيْنَ السَّمَاءِ وَالْأَرْضِ لآيَاتٍ لِقَوْمٍ يَعْقِلُونَ﴾

“Na criação dos céus e da terra; na alteração do dia e da noite; nos navios que singram o mar para o benefício do homem; na água que Deus envia do céu, com a qual vivifica a terra, depois de haver sido árida e onde disseminou toda a espécie animal; na mudança dos ventos; nas nuvens submetidas entre os céus e a terra, (nisso tudo) há sinais para os sensatos.” (Alcorão, C.2 – V.164)

يقول تعالى في سورة الملك

﴿الَّذِي خَلَقَ سَبْعَ سَمَاوَاتٍ طِبَاقًا مَّا تَرَى فِي خَلْقِ الرَّحْمَنِ مِنْ تَفَؤُوتٍ فَارْجِعِ الْبَصَرَ هَلْ تَرَى مِنْ فُطُورٍ (3) ثُمَّ ارْجِعِ الْبَصَرَ كَرَّتَيْنِ يَنْقَلِبْ إِلَيْكَ الْبَصَرُ خَاسِئًا وَهُوَ حَسِيرٌ (4)﴾

“Que criou sete céus sobrepostos; tu não acharás imperfeição alguma na criação do Clemente! Volta, pois, a olhar! Vês, acaso, alguma fenda? Novamente, olha e torna a fazê-lo, e o teu olhar voltará a ti, confuso e fatigado”. (Alcorão, C. 67 – V.3 e 4)



## O Argumento Filosófico

Antes de abordar a demonstração, ou argumentação, filosófica da existência do Criador, devemos falar sobre o que é esta demonstração, quais são suas divisões, e qual é a diferença entre esta e a demonstração científica. Geralmente há três classes de demonstração: a demonstração matemática, a demonstração científica e a demonstração filosófica.

A demonstração matemática é a demonstração utilizada no domínio da ciência matemática pura e sua lógica formal. Sempre está baseada sobre um princípio fundamental, o da não-contradição segundo o qual  $A$  é  $A$  e não outra coisa que  $A$ . Toda demonstração baseada sobre este princípio (assim como os seus resultados), é chamada demonstração ou argumentação matemática, a qual se beneficia da confiança de todos.

A demonstração científica é a demonstração utilizada no domínio das ciências naturais. Está baseada sobre os conhecimentos que se podem provar pela percepção ou pelo raciocínio indutivo científico, além dos princípios da demonstração matemática.

A demonstração filosófica é a demonstração que se baseia sobre os conhecimentos racionais (os que não necessitam nem percepção nem experiência), além dos princípios da demonstração matemática, em vistas a provar uma realidade objetiva do mundo exterior. Isto não significa necessariamente que a demonstração filosófica não necessita dos conhecimentos obtidos através da percepção ou do método indutivo, mas significa que ela não os vê como suficientemente capazes de provar algo, e sendo assim, ela se utiliza de outros conhecimentos racionais para obter suas provas.

Tendo apresentado a concepção da demonstração filosófica consideramos neste mesmo quadro, a questão seguinte: Pode-se contar com os conhecimentos racionais, quer dizer aqueles que a razão nos abastece, sem ter a necessidade da percepção, nem da experiência, nem da indução científica? A resposta é positiva. Pois há conhecimentos que são dignos da confiança de todos, tais como

o princípio de não-contradição, sobre o qual estão fundadas todas as ciências matemáticas puras, e que nós confiamos racionalmente, sem ter a necessidade de recorrer à observação nem à experiência, as quais constituem a base da indução. A prova é que o grau de nossa crença neste princípio não varia segundo o número de experiências e de observações que correspondem a este grau. Tomemos, a título de exemplo, uma aplicação matemática evidente deste princípio:  $2 \text{ mais } 2 = 4$ . Nossa crença na justiça desta simples equação matemática é muito profunda e não aumenta com a multiplicação dos exemplos. Melhor ainda, não estamos dispostos a prestar atenção a um exemplo que a contradiga e nos diz que  $2 \text{ mais } 2 = 5$  ou a  $3$ , neste caso excepcional, não acreditaríamos muito nisto. Isto significa que nossa crença nessa verdade não está ligada à sensação nem à experiência, pois nesse caso seria afetada por elas, positiva ou negativamente.

E posto que acreditamos inteiramente nesta verdade sem que nossa crença esteja ligada à sensação ou à experiência, é de todo natural que possamos confiar às vezes nos conhecimentos racionais sobre os quais está baseada a demonstração filosófica. Em outros termos, rejeitar a demonstração filosófica simplesmente porque está fundada sobre os conhecimentos que não estão ligados à experiência e indução, significa que se deve rejeitar igualmente a demonstração matemática, a qual está fundada no princípio da não-contradição, na qual confiamos sem dependermos da experiência ou da indução.

### **a) Um Exemplo da Argumentação Filosófica da Existência de Deus**

Esta demonstração ou argumentação está fundada em três postulados que detalhamos a seguir:

1. O axioma segundo o qual cada acontecimento tem uma causa a que deve a sua existência. Este axioma é percebido pelo homem de uma forma inata, e é confirmado constantemente através do método científico indutivo.

2. O axioma segundo o qual uma coisa tem graus diferentes os quais uns são mais fortes e mais aperfeiçoados que outros, não sendo possível que o grau inferior de aperfeiçoamento e de conteúdo seja a causa da existência de um grau superior. Assim, o calor, o saber, a luz, etc... todos eles tem graus onde uns são superiores em aperfeiçoamento ou em solidez que outros. Um alto grau de calor não pode ser o resultado de um grau inferior, o mesmo que um homem que conhece perfeitamente o inglês, não pode adquirir um conhecimento mais aperfeiçoado desta língua com o ensinamento de outro indivíduo que não tem mais que conhecimentos rudimentares desta ou que a ignora completamente. Também, uma luz fraca não pode criar uma luz mais forte do que ela mesma; tudo isso porque cada grau superior comporta um excedente qualitativo e quantitativo em relação ao grau inferior. E este excedente qualitativo não pode ser derivado de uma fonte que não o possui. Em termos claros, quando se quer financiar um projeto com o próprio capital, não se pode colocar nele uma quantidade de dinheiro que está além das posses reais.

3. A matéria toma, ao largo de sua evolução contínua, formas diversas quanto a seu grau de evolução e de concentração. A partícula de água, desprovida de vida ou de qualquer componente vital, representa uma das formas da existência da matéria. O protoplasma, que entra na composição dos vegetais e dos animais, representa uma forma mais desenvolvida da matéria. A ameba, este pequeno animal unicelular encarna uma outra forma da matéria ainda mais evoluída. O Homem, este ser vivente, sensível e pensador, é a forma mais superior de existência neste universo.

A propósito destas distintas formas de existência se estabelece uma pergunta: sua diferença é uma simples diferença quantitativa em relação ao número de átomos e de elementos, e as relações mecânicas entre elas. Ou se deve a uma diferença qualitativa e quantitativa, traduzindo os diferentes graus de existência, e das etapas da evolução e do aperfeiçoamento? Em outros termos, a diferença entre a Terra e o Homem da que é descendente, é somente numérica, ou é uma diferença em dois graus da

existência, duas etapas da evolução e do aperfeiçoamento, como a diferença entre uma luz fraca e uma intensa? O Homem tem acreditado em uma forma infusa, desde que se pergunta sobre esta questão das formas que representam o grau da existência e as etapas do aperfeiçoamento. A vida é um grau superior da existência em relação à matéria, e o grau não é absoluto; também está subdividido em subgraus. Mas a vida obtém um novo conteúdo, expressa um grau superior. Isto se dá devido ao fato da vida do ser sensível e pensante expressar um grau superior à vida do vegetal e assim por diante.

Porém, o pensamento materialista tem-se oposto a esta verdade há mais de dois séculos, pois crê na concepção mecânica da interpretação do universo, segundo a qual o mundo exterior se compõe de partículas idênticas que estão condicionadas ao quadro de leis gerais, pelas forças simples, atrativas e repulsivas, cuja função se limita ao papel de catalisar, permitindo às partículas moverem-se e deslocarem-se. Por esta ação de atração e repulsão mútuas, umas partículas se juntam, outras se dispersam, permitindo assim diversificar-se na matéria. É por isto que o materialismo mecânico reduz a revolução e o movimento a um simples deslocamento do corpo e das partículas no espaço. Tem explicado a diversidade das formas da matéria, pelas diferentes formas de surgimento e repartição, e suas partículas, e tem excluído destas transformações a criação de todo novo elemento, afirmando que a matéria não crê em sua existência, nem se desenvolve, mas sim, se reúne e se dispersa como um bolo que a mão dá forma de diferentes maneiras; sem adquirir nada de novo.

Esta hipótese tem sido inspirada na ciência mecânica (a primeira das ciências a ser liberal nos métodos de investigação) e reforçada pelos feitos que esta ciência tem realizado nos descobrimentos das leis do movimento dinâmico e na interpretação dos movimentos habituais dos corpos ordinários, incluindo o movimento dos astros no espaço. Porém, a continuação da evolução da ciência e a extensão dos métodos de busca que se alastram para outros domínios, têm demonstrado a falsidade destas hipóteses e sua incapacidade de explicar mecanicamente

todos os movimentos mecânicos, e conter, de outro lado, todas as formas da matéria no quadro do movimento mecânico dos corpos e das partículas de um lugar ao outro. Quanto à ciência, ela tem confirmado o que o homem tem percebido naturalmente, que a diversidade das formas da matéria não se explica pelo simples deslocamento de suas partículas de um ponto a outro, e sim, por uma variedade qualitativa e quantitativa na evolução. A experiência científica tem demonstrado que uma combinação numérica de partículas não representa nem uma vida, nem algo sensível, nem um pensamento; o que nos põe diante de uma concepção totalmente diferente da que o materialismo mecânico nos apresenta. Porque tanto na vida, como na percepção ou pensamento, assistimos a um processo de desenvolvimento verdadeiro da matéria, e a uma evolução qualitativa em seus graus de existência; e isto, seja qual for o conteúdo desta evolução qualitativa, ou seja, material ou imaterial.

Para resumir, recapitulemos os três pontos que acabamos de enumerar. Esses são:

1 - Cada acontecimento tem uma causa.

2 - O 'inferior' não pode ser a causa do 'superior'.

3 - A diversidade dos graus da existência e a variedade de suas formas em nosso universo é algo qualitativo.

Sob a luz destes três postulados sabemos que reencontramos nas formas qualitativas evoluídas um verdadeiro desenvolvimento, o que quer dizer, um aperfeiçoamento na existência da matéria, assim como um acréscimo qualitativo. Estamos então em condições para interrogar-nos sobre a origem deste crescimento e perguntar-nos, como surgiu esta multiplicidade, já que cada acontecimento tem uma causa como acabamos de apontar?

Há duas respostas para esta pergunta: Esta multiplicidade viria da própria matéria, a qual estava, em sua origem, desprovida de vida, sensibilidade e pensamento, porém, os criaria através de sua evolução; dito de outra maneira a forma inferior da existência

seria a causa da existência da forma superior em grau, e a mais rica em conteúdo. Porém, esta resposta está em contradição com o segundo ponto anteriormente citado, e segundo o qual, a forma de grau inferior não pode ser a causa de uma forma ou tipo de existência superior em grau e mais rica em conteúdo. Pois, a suposição segundo o qual a matéria morta e desprovida de vida pode dar a si mesma ou a outra matéria a vida, a sensibilidade e o pensamento se parece com a suposição segundo a qual o indivíduo que ignora a língua inglesa pode ensiná-la; ou a suposição que diz que uma luz fraca pode proporcionar-nos uma luz forte, tal como a luz do Sol, por exemplo, ou, todavia, a suposição que nos diz que um indivíduo pobre e sem capital pode financiar projetos capitalistas.

A segunda resposta para esta questão nos diz que este resultado excedente da evolução da matéria provém de uma fonte dotada de toda a vida, de toda a sensibilidade e de todo o pensamento, os quais ela mesma provê; e esta fonte é Deus, Senhor dos Mundos. Neste caso o crescimento da matéria (o excedente) não é mais que o desenvolvimento e crescimento realizados pela Sabedoria, a Conduta e a Maestria do Senhor.

يقول تعالى في سورة المؤمنون

﴿وَلَقَدْ خَلَقْنَا الْإِنْسَانَ مِنْ سُلَالَةٍ مِنْ طِينٍ (12) ثُمَّ جَعَلْنَاهُ نُطْفَةً فِي قَرَارٍ مَكِينٍ

(13) ثُمَّ خَلَقْنَا النَّطْفَةَ عَلَقَةً فَخَلَقْنَا الْعَلَقَةَ مُضْغَةً فَخَلَقْنَا الْمُضْغَةَ عِظَامًا

فَكَسَوْنَا الْعِظَامَ لَحْمًا ثُمَّ أَنْشَأْنَاهُ خَلْقًا آخَرَ فَتَبَارَكَ اللَّهُ أَحْسَنُ الْخَالِقِينَ (14)﴾

*“Criamos o homem de essência de barro. Em seguida, fizemos uma gota de esperma, que inserimos em um lugar seguro. Então, convertemos a gota de esperma em algo que se agarra, transformamos o coágulo em feto e convertemos o feto em ossos; depois, revestimos os ossos de carne; então, o desenvolvemos em outra criatura. Bendito seja Deus, Criador por excelência”. (Alcorão, C. 23 – V.12 a 14).*

يقول تعالى في سورة الواقعة

﴿أَفَرَأَيْتُمْ مَا تُمْنُونَ (58) أَأَنْتُمْ تَخْلُقُونَهُ أَمْ نَحْنُ الْخَالِقُونَ (59)﴾

*“Haveis reparado, acaso, no que ejaculaís? Por acaso, criais vós isso, ou somos Nós o Criador?”* (Alcorão, C.56 – V.58 e 59)

يقول تعالى في سورة الواقعة

﴿أَفَرَأَيْتُمْ مَا تَحْرُثُونَ (63) أَأَنْتُمْ تَزْرَعُونَهُ أَمْ نَحْنُ الزَّارِعُونَ (64)﴾

*“Haveis reparado, acaso, no que semeais? Porventura, sois vós os que fazeis germinar, ou somos Nós o Germinador?”* (Alcorão, C.56 – V.63 e 64)

يقول تعالى في سورة الواقعة

﴿أَفَرَأَيْتُمُ النَّارَ الَّتِي تُورُونَ (71)  
أَأَنْتُمْ أَنْشَأْتُمْ شَجَرَتَهَا أَمْ نَحْنُ الْمُنشِئُونَ (72)﴾

*“Haveis reparado, acaso, no fogo que ateais? Fostes vós que criastes a árvore, ou fomos Nós o Criador?”* (Alcorão, C.56 – V. 71 e 72)

يقول تعالى في سورة الروم آية 20

﴿وَمِنْ آيَاتِهِ أَنْ خَلَقَكُمْ مِنْ تُرَابٍ ثُمَّ إِذَا أَنْتُمْ بَشَرٌ تَنْتَشِرُونَ﴾

*“Entre os Seus sinais está o de haver-vos criado do pó; logo, sois, seres que se espalham (pelo globo).”* (Alcorão, C.30 – V.20).

## **b) A Posição do Materialismo Frente Este Argumento**

O materialismo mecânico não considera tal argumentação; pois, como temos visto, define a vida, a sensibilidade e o pensamento como nada mais que formas de concentração e separação dos corpos e moléculas, sem produzir nada à parte de um movimento de partículas devido às forças mecânicas, nada novo. No entanto, o materialismo moderno, devido sua crença na evolução qualitativa e quantitativa da matéria através destas formas, encontra alguma dificuldade perante esta argumentação. Porém, tem escolhido um método de interpretação desta evolução qualitativa que se harmoniza com o segundo ponto, para servir ao seu desejo de tomar a matéria como a explicação de todas as suas próprias evoluções. Segundo este modo de interpretação, a matéria é a fonte de tudo e é ela que alimenta o processo da evolução qualitativa (não a de um “pobre financiando projetos capitalistas”, o que contradiz o segundo postulado), já que ela encerra ao estado latente, e desde a origem, todas as formas e os conteúdos da evolução: o pintinho existe dentro do ovo, e o gás dentro da água, e assim seguidamente.

Quanto, a saber, como a matéria pode ser ao mesmo tempo ovo e pintinho, gás e água, o materialismo dialético responde que mesmo que isso se trate de uma contradição, a contradição é a lei geral da natureza. Segundo ele, cada coisa tem seu contrário (seu “oposto”). Através desta luta entre os dois contrários, o contrário interior se desenvolve até que sai à superfície para realizar uma mudança na matéria, exatamente como um ovo que quebra de repente para que de seu interior saia um pintinho. E desta maneira a matéria se aperfeiçoa perpetuamente, pois o “contrário” que resulta da luta representa o futuro, quer dizer, um passo adiante. Esta análise nos leva a perceber que: O que o materialismo entende exatamente por cada coisa carrega nela seu “contrário” ou seu “oposto”, pode significar o que listamos a seguir:



1 - Quer dizer que o ovo e o pintinho são duas coisas opostas ou antagônicas, e que o ovo cria o pintinho e lhe dota das propriedades da vida, que o morto gera o vivo e cria a vida. Isto nos leva novamente ao exemplo do pobre que financia projetos capitalistas, e contradiz, por conseguinte, o ponto que discutimos anteriormente.

2 - Ou, quer dizer que o ovo não cria o pintinho, porém o faz aparecer quando ele está pronto, dado que cada coisa contém em estado latente o seu contrário. O ovo quando era ovo, era ao mesmo tempo pintinho, perfeitamente como uma foto que oferece um perfil de um lado, e outro perfil diferente do outro. É evidente que se o ovo era ao mesmo tempo um pintinho, não há nenhuma operação de crescimento e aperfeiçoamento no fato do ovo virar um pintinho; pois tudo o que este último estado apresenta agora (pintinho), já existia originalmente no caso precedente (ovo); isto se parece com a ação de um homem que pega o dinheiro de seu bolso para tê-lo em sua mão, algo que não lhe enriqueceria, dado que todo dinheiro que se encontra agora em sua mão já se encontrava em seu bolso.

Para que tivesse ocorrido a ação de crescimento e aperfeiçoamento, e para que algo novo se realizasse verdadeiramente, como a ação do ovo transformar-se em pintinho, haveria de se dizer que o ovo não era um pintinho, mas sim, um projeto de pintinho. Neste ponto o ovo se distingue da pedra, já que ela não pode virar um pintinho. Quanto ao ovo, pode ser pintinho, sob certas condições e nas circunstâncias precisas. Pois a possibilidade ou potencialidade de uma coisa não significa necessariamente a sua realização. Se o ovo deve verdadeiramente tornar-se pintinho, a possibilidade em si mesma não é suficiente para explicar a transformação.

De outro lado, se as formas da matéria resultassem de suas contradições externas haveria de se explicar suas variedades através da variedade das contradições inerentes. Assim, o ovo tem suas próprias contradições que diferem das contradições da água: porque quando desta resulta o gás, deste resulta um pintinho. Temos aqui uma suposição fácil de formular, dado que se trata de uma fase avançada de variação das formas da matéria; pois na fase onde temos a questão

do ovo e a água, podemos facilmente explicar sua diferença por suas contradições internas; porém, o que dizer das verdades das formas da matéria ao nível dos átomos, que constituem as unidades fundamentais do universo, tais como os elétrons, prótons, os nêutrons, opostos aos contra-nêutrons, os contra-elétrons, e os contra-prótons? Cada um destes átomos tem tomado uma forma particular em razão de suas contradições internas de forma que um próton existia nas entranhas de sua matéria antes de surgir como resultado do movimento e da luta, exatamente como o caso do ovo e o pintinho? Se admitirmos tal suposição, como poderíamos justificar a variedade das formas destas partículas, quando tal variedade supõe verdadeira, segundo a lógica da contradição interna, que essas partículas variadas sejam diferentes em suas contradições internas, quer dizer, em suas características?

Sabemos que a ciência moderna tende a crer na unidade da matéria, na unidade de seu conteúdo interior, e que as distintas formas que toma, não são mais que os casos cambiantes ao conteúdo único e invariável; o que faz possível a transformação de próton em nêutron e vive-versa; o que quer dizer que a forma dos átomos muda, quando seu conteúdo permanece único e invariável. Isto significa por acaso que o conteúdo é o mesmo em todos os casos, mesmo que as formas mudem? Como supor então, que estas formas resultam das contradições internas?

O exemplo do ovo e pintinho é suficiente em si mesmo para esclarecer esta questão. Porque, para que as formas de vários ovos variem em razão de suas contradições internas é necessário que sejam diferentes em sua estrutura interna. O ovo de um pinto e o de um outro pássaro produz duas formas diferentes, neste caso, o pintinho e o outro pássaro. Porém, se os dois ovos forem da mesma classe, dois ovos de pintinho, não poderíamos supor que as contradições internas desemboquem em duas formas diferentes.

Assim, podemos entender que a interpretação do materialismo moderno a cerca das formas da matéria, baseada sobre as contradições internas desta própria, não está em acordo com a tendência da ciência moderna ao afirmar a unidade do conteúdo interior da matéria.

Uma terceira alternativa é a visão de que o ovo tem dois contrários

independentes, e cada um tem sua própria existência; um é a parte do ovo relativa à fertilização, e o outro é o resto do conteúdo do ovo. Esses dois contrários se unem através do seu combate no interior da casca do ovo e, como consequência desta luta, a parte fertilizada sai vitoriosa e o ovo se torna um pintinho. Este gênero de luta entre os contrários é comum na vida dos homens e está arraigado em suas visões habituais e em suas visões intelectuais. Porém, por que chamar a esta correlação entre o embrião e as substâncias que compõem o ovo de contradição ou luta entre opostos? Por que chamar a correlação entre o feto no interior do útero e o sustento que a mãe lhe proporciona de contradição? Por que chamar a correlação entre o grão, o sol e o ar de contradição? Esta não é, de fato, mais que uma simples denominação, que pode muito bem ser formulada de uma outra forma. Podemos substituí-la por esta afirmação: os dois “contrários” se fundem e se unificam. Digamos que isto se chama de contradição ou luta. O problema não estaria resolvido, a menos que admitamos que esta correlação específica entre os dois contrários desemboca em um resultado maior, a operação de crescimento de uma coisa nova que ultrapassa o total numérico dos dois contrários. De onde vem este excedente? Vem dos dois contrários em luta, a qual ambos perderam, sabendo que aquele que perde uma coisa não pode oferecê-la sem crer no segundo dos três pontos pré-citados?

Não conhecemos um exemplo sequer da natureza no qual a contradição e a luta dos contrários constituem verdadeiramente um fator de desenvolvimento. Como um contrário pode contribuir para desenvolver seu oposto através de sua luta contra ele, quando esta luta traduz um grau de resistência e de rejeição, e que toda resistência reduz a capacidade do outro a mover-se e a desenvolver-se, em lugar de ajudá-lo? Todos sabem que se o banhista se bate, banhando-se às ondas do mar que se encontram opostas à direção que ele segue, estas ondas dificultam seu movimento, em lugar de facilitá-lo. Se a luta entre os contrários, em qualquer sentido que seja, é a base do desenvolvimento do ovo e de sua transformação em pintinho, qual é o desenvolvimento produzido na luta entre os contrários, depois da transformação da água em gás e sua volta ao estado líquido de novo?

A natureza constantemente nos revela que os contrários conduzem à sua mútua destruição, em lugar de levar-lhes ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento. O próton positivo que é a partícula constitutiva do núcleo do átomo, e cuja carga elétrica é positiva, tem frente a ele um próton contrário e negativo. O elétron negativo que gravita na órbita do átomo, tem um elétron contrário e positivo, e se estes dois contrários chegassem a encontrarem-se, os processos de aniquilamento atômico se disparariam e fariam desaparecer a matéria quando as energias que fossem liberadas se propagassem no espaço.

Podemos concluir que o movimento da matéria sem alimentação nem aprovisionamento vindo de uma fonte externa não saberia produzir um desenvolvimento verdadeiro e uma evolução para formas superiores e graus mais elevados. Para que a matéria se desenvolva e se eleve para níveis superiores, tais como a vida, a sensibilidade e o pensamento, tem que ter um Senhor que execute estas qualidades, com o fim de que possa conferi-las à matéria. A função da matéria nas operações de desenvolvimento se limita a uma disposição, uma probabilidade. É comparável a um menino disposto e apto a aprender as lições que lhe igualem a seus educadores. Que Deus, Senhor dos Mundos, seja Glorificado.

## **Os Atributos Divinos**

Quando cremos em Deus, Criador do Universo, como seu Criador e Sustentador, dirigindo sua caminhada segundo uma sabedoria e uma gestão pertinente, é natural que conheçamos Seus atributos através de sua Criação e da perfeição de sua obra, e apreciamos suas Qualidades através da esplendorosa manifestação de tais obras, exatamente como apreciamos um engenheiro por meio das qualidades que distinguem seus trabalhos ou como apreciamos um autor à luz da ciência e do saber que seu livro contém, ou, ainda, como conhecemos a personalidade de um educador através das qualidades e virtudes daqueles que ele ensina. É desta maneira que podemos conhecer as qualidades do

Criador Grandioso, tais como através da ciência, da sabedoria, da vida, da capacidade, da audição e da visão. Porque a precisão e a ordem que se revelam no universo põem em evidência a Ciência e a Sabedoria de Deus. As grandes energias manifestas demonstram a Capacidade e a Maestria de Deus; as variedades da vida e os graus de percepção racional e sensorial. A unidade deste grande plano, o controle desta construção e a perfeição no desenho deste universo, assim como as correlações sólidas entre seus variados aspectos assinalam a unicidade do Criador e o Seu Poder, que tem como resultado este vasto universo.

### **a) Sua Justiça e Sua Integridade**

Todos crêem, devido a nossa razão inata, em valores gerais que guiam nossa conduta, a saber, os valores que afirmam que a justiça é uma verdade, um bem e um direito; que a injustiça é ilegítima e um mal; que aquele que se mostra justo em sua conduta é digno de respeito e recompensa, e aquele que comete injustiças e agressões, é digno do contrário. Estes valores, do ponto de vista da natureza inata, são fundamentais para que a conduta do homem seja dirigida, desde que não haja outros obstáculos tais como a ignorância e o interesse por ganhos materiais. Todo homem deve escolher entre a verdade e a mentira, ou entre a fidelidade e a traição, diante dessas opções escolherá sempre a verdade ao invés da mentira, e a fidelidade ao invés da traição, isso se não tiver um motivo pessoal e um interesse privado que o incite a desviar-se destes valores em seu comportamento. Isto quer dizer que quando um homem não tem nenhum interesse em enganar a alguém, trair a qualquer outro ou ser injusto com o próximo, ele conduz sua vida de forma verídica, honesta e justa, isto é, com uma atitude reta e íntegra. É exatamente isto o que se aplica ao Criador, que está no comando de todos esses valores que percebemos com nossa razão inata. Pois é Deus que nos dotou desta razão, e ao mesmo tempo é só Ele quem, devido a seu poder inestimável e sua dominação total sobre o Universo, não tem necessidade de transgredir nem desviar-se. Porque Ele é sempre justo, e jamais será injusto contra ninguém.

## **b) A Justiça Divina como Prova da Recompensa e da Punição**

Os valores em que nós cremos exaltam a justiça, honestidade, veracidade, fidelidade e outras qualidades do mesmo tipo, e condenam seus contrários. Eles não apenas aprovam as boas qualidades e rejeitam as más, eles também reclamam por uma recompensa apropriada a cada uma destas qualidades (positivas ou negativas). Pois, a razão inata ao bom sentido faz com que o injusto e o traidor mereçam ser castigados, e que o justo, o homem honesto, que faz sacrifícios para a justiça e a honestidade, mereça ser recompensado. Baseado em tais valores, cada um de nós encontra em sua própria consciência a tendência a castigar o injusto e desviado e a apreciar e gratificar o justo e íntegro. Porém, aquilo que nos impede de pôr em execução este desejo de fazer justiça é nossa incapacidade de adotar a atitude apropriada ou nossa própria parcialidade.

Desde que acreditamos em um Deus Justo e íntegro em Seu comportamento, capaz de fazer justiça (castigar ou recompensar) e executar os valores que demandam a sentença justa e determinam a recompensa adequada ao comportamento honesto e o castigo merecido ao comportamento desonrante, é normal que concluamos dizendo que Deus recompensa ao benfeitor por sua boa ação e faz justiça à vítima em detrimento do injusto. Porém, ao mesmo tempo, salientamos que esta justiça não se realiza na vida que conhecemos nesta Terra, ainda que Deus seja capaz disto. O que prova, quando se tem em conta o que dissemos anteriormente, que haverá um Dia do Juízo no qual o benfeitor anônimo que fez sacrifícios por uma nobre causa, sem ter recolhido seus frutos, e o injusto que escapou momentaneamente do castigo que merecia, e que viveu sobre o sangue e as ruínas de suas vítimas, serão julgados cada um segundo os seus atos. Esse dia é o Dia do Juízo Final, que encarna todos esses valores absolutos de conduta, e sem o qual estes valores seriam sem sentido.



المدينة المنورة - المسجد و مرقد النبي الأعظم ﷺ عام 1429 هـ.ق. / 2008 م.

Mesquita e Santuário do Profeta Mohamad (S.A.A.S.),  
em Medina al-Munawara – Arábia Saudita, de 1429 Hejrita / 2008 D.C.

قال الله تعالى في أول سورة إبراهيم  
 الرِّكَّابُ أَنْزَلْنَاهُ إِلَيْكَ لِتُخْرِجَ النَّاسَ  
 مِنَ الظُّلُمَاتِ إِلَى النُّورِ بِإِذْنِ رَبِّهِمْ  
 إِلَى صِرَاطٍ الْعَزِيزِ الْحَمِيدِ

*Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.*

*Deus disse no Alcorão Sagrado na Surata Ibrahim (Capítulo 14):*

*“Alef, Lam, Ra. Um Livro que  
 te temos revelado para que retires os  
 humanos das trevas (e os transportes)  
 para a luz, com a anuência de seu Senhor,  
 e o encaminhes até à senda do  
 Poderoso, Laudabilíssimo(1).”*



Assemblée Mondiale Ahlul Bait (A.S.)



## Introdução: O Fenômeno da Profecia

Cada coisa neste vasto universo carrega em si mesma sua lei divina vigorosa, que a dirige e que a desenvolve tanto como é possível. O grão, por exemplo, está submetido a sua própria lei, que o transforma, segundo condições determinadas, em uma árvore. O embrião também está submetido à sua própria lei, que o rege e o transforma em homem. Todas as coisas, o sol, os prótons, os planetas que gravitam na órbita do sol e os elétrons que gravitam na órbita dos prótons, caminham de acordo com um plano pré-estabelecido, e evoluem segundo as suas próprias possibilidades. Esta organização divina global se estende, segundo a lei da indução científica, a todos os aspectos e a todos os fenômenos do Universo. Sem dúvida, o fenômeno da livre escolha do Homem é o mais importante dos fenômenos do Universo. Pois o Homem é um ser de propósitos, quer dizer, um ser que sempre age em função de atingir uma meta. Cava a terra para extrair a água, cozinha a comida para comer uma iguaria deliciosa, experimenta um fenômeno natural para conhecer suas leis, e assim por diante.

De forma contrária, os demais seres da natureza trabalham para objetivos fixados, fechados, e não para objetivos que eles vivem por si próprios e querem realizar de forma espontânea. Certamente, os pulmões, o estômago e os nervos, cumprem, no exercício de suas funções fisiológicas, uma ação com um propósito; porém, não vivem por eles mesmos, não vivem para propósitos estabelecidos por suas atividades naturais e fisiológicas específicas, os seus propósitos são fixados pelo Criador.

Dado que o Homem é um de propósitos, busca sempre um propósito, cujas atitudes estão ligadas aos objetivos pelos quais ele vive e busca, e em função dos quais ele se realiza, isto supõe

que tacitamente toma atitudes práticas, ele não obedece a uma lei natural rigorosa, como o faz uma gota de água que cai seguindo uma trajetória definida, segundo a lei da gravidade; de outra forma, ele não seria um ser de propósitos e não trabalharia em vistas a um fim que procura. Para ser um ser de propósitos, é necessário que em seu comportamento o Homem seja livre, a fim de que possa atuar em função dos objetivos que possam aflorar em sua mente. A correlação entre as atitudes práticas e os objetivos, constitui a lei que rege o fenômeno da escolha no Homem.

O objetivo do homem não é fortuito, pois cada Homem determina seus objetivos em função das exigências e das necessidades de seu interesse. Estas necessidades, em si mesmas, são determinadas pelo meio e pelas condições objetivas que cercam o Homem. Porém, estas condições não animam ao Homem diretamente, como o temporal agita as folhas das árvores, pois dessa forma, sua qualidade de ser de propósitos seria abolida. São as circunstâncias objetivas que movem o Homem, estimulando a consciência do Homem com um interesse preciso que representa uma atitude prática. Ainda assim, é necessário afirmar que o indivíduo apenas é motivado pelos interesses que lhe afetam pessoalmente. Há duas classes de interesses: os interesses de curto prazo, que com freqüência servem ao indivíduo de propósitos, que só age em benefício próprio, e os interesses de longo prazo, dos quais se aproveita a comunidade como um todo. Também, às vezes, os interesses individuais e os interesses comunitários se opõem. Assim, constatamos que quando o Homem é movido por um interesse, ele na verdade o é menos pelos valores positivos que comportam que pelo proveito pessoal que lhe proporcionam. Compreendemos então que deve haver a criação de condições objetivas para garantir as motivações do Homem pelos interesses da comunidade, está é uma condição necessária para a estabilidade e progresso da vida em longo prazo.

O Homem tem topado com uma contradição entre a atitude objetiva que deve incitar-lhe a associar-se aos interesses comunitários impostos pela lei da vida e a atitude subjetiva que lhe faria se preocupar com as utilidades pessoais e momentâneas, as que na

verdade lhe incitam suas propensões. É absolutamente necessário, pois, achar uma fórmula para resolver esta contradição, e criar as circunstâncias objetivas para incitar o Homem a atuar conforme os interesses da comunidade.

A Profecia é, portanto, um fenômeno divino na vida do Homem, que constitui a lei, estabelecendo a fórmula desta solução, transformando os interesses da comunidade, assim como todos os interesses superiores, que estão acima dos interesses de curto prazo, em interesses individuais de longo prazo. Ela atinge isto tornando o Homem consciente da sua existência após a morte e de sua jornada para o estado da Justiça e Recompensa, no qual as pessoas serão reunidas para assistir e constatar seus atos, e para assumir suas conseqüências:

يقول تعالى في سورة الزلزلة

﴿فَمَنْ يَعْمَلْ مِثْقَالَ ذَرَّةٍ خَيْرًا يَرَهُ (7) وَمَنْ يَعْمَلْ مِثْقَالَ ذَرَّةٍ شَرًّا يَرَهُ (8)﴾

*“Quem tiver feito o bem, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á. Quem tiver feito o mal, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á”.*  
(Alcorão, C.99 – V.7 e 8)

É desta maneira que os interesses da comunidade se tornam idênticos aos interesses de longo prazo.

Esta fórmula consiste de uma teoria e de sua aplicação educacional. A Teoria é o Dia Prometido, o Dia do Juízo. E sua aplicação é uma operação contínua de direção divina (e não pode ser nada além de divina), pois depende do Dia do Juízo, o qual ninguém sabe quando será. Essa atividade não pode existir a não ser através da revelação divina, que é a missão profética. Sendo assim, vemos que a profecia e o Dia do Juízo Final são dois aspectos de uma mesma fórmula, que constitui a única solução frente ao conflito existente na vida do Homem. Esta solução constitui o fenômeno da livre escolha, e o promove em vistas a servir aos verdadeiros interesses do Homem.

## **Provando a Missão do Grandioso Profeta Mohammad (S.A.A.S.)**

Da mesma forma que provamos a existência de Deus através do raciocínio indutivo e de outros métodos de demonstração científica, igualmente, vamos provar a profecia de Mohammad pelo raciocínio científico indutivo e pelos mesmos métodos que utilizaremos para provar diferentes verdades de nossa vida cotidiana e científica. Começemos por alguns exemplos preliminares:

Quando um homem recebe uma carta de um parente, um garotinho, aluno em uma escola no campo, e observa que a carta está escrita em uma linguagem moderna, com as frases concentradas e eloqüentes e um método técnico muito hábil de dispor e expor as idéias deduz que uma pessoa culta, erudita e dotada de um sólido poder de expressão ditou ao garotinho o conteúdo desta carta, ou alguma coisa deste gênero. Para analisar esta dedução, a reduziremos aos seguintes pontos:

1) O expedidor das cartas é um garotinho do campo que realiza sua aprendizagem em uma escola primária.

2) A carta se distingue por um estilo eloqüente, uma grande execução técnica, uma excelente capacidade de exposição das idéias.

3) A ciência da indução demonstra nos casos idênticos, que um garotinho, tendo as características que assinalamos no primeiro ponto, não pode formular uma carta que possui as qualidades expostas no segundo ponto.

4) Deduzimos disto que a carta é produto de outra pessoa, utilizada, de uma forma ou outra, pelo garotinho.

Vamos agora apresentar um outro exemplo que ilustra a mesma idéia, mas dessa vez, um argumento puramente científico. Trata-se da argumentação feita pelos cientistas ao estudar os elétrons. Um cientista tem estudado um tipo particular de raio

que ele mesmo tem provocado dentro de um tubo fechado, uma peça magnética, em forma de ferro. Fazendo isso tem observado que o raio se inclinava para o pólo positivo do imã, e se afastava do pólo negativo. E refaz a experiência de novo, de várias outras formas, até que tem a certeza de que o raio é atraído pelo imã, e que é o pólo positivo o que lhe atrai. E sendo que este cientista sabia, por indução e graças a seus estudos de outros raios (tal como a luz), que os raios não são influenciados por uma força magnética nem são atraídos por ela, e que a força magnética atrai os corpos e não os raios, conclui que o fato do raio em particular ser atraído e se inclinar para o pólo positivo, não pode ser explicado pelas informações que tem a sua disposição. Isto lhe fez descobrir um fator novo, uma nova verdade, a saber: este raio se compõe de partículas negativas minúsculas, que existem dentro de todas as matérias; já que emanam de matérias distintas. A estas partículas dá-se o nome de elétrons.

Nestes dois exemplos (o da carta e o do elétron), a prova se resume dessa forma: cada vez que se constata, no quadro dos fatores e circunstâncias, que os mesmos não nos conduzem a outros casos similares do mesmo fenômeno, há de se conceber e concluir a existência de outro fator invisível que é indispensável para explicar dito fenômeno. Em outros termos, se à vista da demonstração indutiva da demonstração de outros casos idênticos, o resultado está além das circunstâncias e dos fatos perceptíveis, se revela a existência de uma coisa invisível por detrás destas circunstâncias e destes fatores perceptíveis. É exatamente o que se aplica à Profecia do Mensageiro Mohammad e à Mensagem que tem anunciado ao mundo. A aplicação do método para esta argumentação segue os seguintes pontos:

1) Este indivíduo que anunciou uma Mensagem Celestial para o mundo pertencia à Península Árabe, que era uma das partes mais atrasadas da Terra naquela época, nos planos intelectual, social, político, econômico, e mais precisamente, ele pertencia ao Hijaz, região esta que não conhecia sua própria história, nada sabia sobre as civilizações nascidas algumas centenas de anos

antes nas outras partes da península, nem tinha vivido nenhuma experiência social completa, nem adquirido nada notável dentro da cultura de sua época.

Sua literatura e poesia não legaram nada de apreciável ao pensamento humano em geral ou às correntes culturais do mundo da época. Esta região estava imersa na anarquia do politeísmo e na idolatria, estava socialmente deslocada, e era dominada pelo espírito tribal.

A vida e o pensamento tribal lhes deram todas as suas atitudes sociais, o que causou inúmeras contradições e toda classe de caos e lutas péfidas. Esta região onde nasceu e cresceu o Profeta não conhecia nenhuma forma de governo, exceto o que comportava e pertencia à tribo. A situação das forças produtivas e das condições econômicas da região era tão ou mais inferiores que à das demais regiões subdesenvolvidas da época. Mesmo, a leitura e a escrita, partes mais simples da cultura, eram relativamente estranhas a este meio, e a sociedade em geral era analfabeta.

يقول تعالى في سورة الجمعة آية 2

﴿هُوَ الَّذِي بَعَثَ فِي الْأُمِّيِّينَ رَسُولًا مِّنْهُمْ يَتْلُو عَلَيْهِمْ آيَاتِهِ وَيُزَكِّيهِمْ  
وَيُعَلِّمُهُمُ الْكِتَابَ وَالْحِكْمَةَ وَإِن كَانُوا مِن قَبْلُ لَفِي ضَلَالٍ مُّبِينٍ﴾

*“Ele foi Quem escolheu, entre os iletrados, um Mensageiro da sua estirpe, para ditar-lhes os Seus versículos, consagrá-los e ensinar-lhes o Livro e a sabedoria, porque antes estavam em evidente erro”.* (Alcorão, C.62 – V.2).

A partir deste ponto de vista, o Profeta representava o homem comum. Antes da Missão Profética não sabia nem ler nem escrever. Não tinha recebido nenhum ensinamento regular ou irregular.

﴿وَمَا كُنْتَ تَتْلُوا مِن قَبْلِهِ مِن كِتَابٍ وَلَا تَخُطُّهُ بِيَمِينِكَ إِذًا لَّارْتَابَ الْمُبْطِلُونَ﴾

*“E nunca recitaste livro algum antes deste, nem o transcreveste com a tua mão direita; caso contrário, os difamadores teriam duvidado”.* (Alcorão, C. 29 – V.48).

O texto alcorânico mostra claramente o nível intelectual do Profeta antes da revelação de sua Missão. Constitui a prova determinante deste nível, mesmo para aquele que não crê na divindade do Alcorão; pois se trata de um texto que o Profeta anunciou ao seu povo, e confiou aos seus conhecidos, os mais íntimos, que estavam perfeitamente cientes dos detalhes de sua vida, e ninguém criticou ou desmentiu esses fatos. Nós observamos que o Profeta não teria tido participação, antes da revelação da Missão, nas diferentes manifestações intelectuais e culturais, isso, levando-se em consideração as correntes prevaletentes na época, como a poesia e o discurso. Sua integridade, sua veracidade, sua honestidade e sua castidade foram as características que lhe deram um alto grau de distinção entre seu povo.

Ele viveu por quarenta anos (antes da Missão) no meio de seu povo, sem que ninguém deixasse de observar sua distinção, e, além disso, evidentemente, tinha uma conduta reta; que era como um presságio para o grande processo de mudança que ele subitamente iria anunciar ao mundo, depois de quarenta anos de uma vida nobre.

يقول تعالى في سورة يونس آية 16

﴿قُلْ لَوْ شَاءَ اللَّهُ مَا تَلَوْتُهُ عَلَيْكُمْ وَلَا أَدْرَاكُمْ بِهِ  
فَقَدْ لَبِثْتُ فِيكُمْ عُمُرًا مِّنْ قَبْلِهِ أَفَلَا تَعْقِلُونَ﴾

*“Dize: Se Deus quisesse, não vo-lo teria eu recitado, nem Ele vo-lo teria dado a conhecer, porque antes de sua revelação passei a vida entre vós. Não raciocinais ainda?”* (Alcorão, C.10 – V.16)

O Profeta nasceu em Meca, e nela permaneceu durante todo o período que precedeu a sua missão. Não a deixou senão para realizar duas curtas viagens através da Península Arábica: uma, com seu tio paterno, Abu Talib, quando era muito jovem; a outra a serviço

de Khadijja, aos seus trinta e poucos anos de vida. Em razão de seu analfabetismo ele não tinha como ler os textos religiosos do judaísmo e do cristianismo, tampouco, nada de importante sobre estes textos lhe chegou através de seu meio social, pois como já dissemos, tal meio era idólatra em seus pensamentos e hábitos. Sendo assim, nem o pensamento cristão ou o judeu lhe tinham influenciado sob nenhuma forma. Igualmente, aqueles que rejeitaram o culto dos ídolos, os monoteístas entre os árabes de Meca, não eram influenciados nem pelo judaísmo nem pelo cristianismo. Nenhum ponto do pensamento cristão ou judeu tinha se enraizado entre o povo do Profeta e influenciado o patrimônio literário e poético de tal comunidade. Se o Profeta tivesse empregado o menor esforço possível para se utilizar das fontes do pensamento cristão ou judeu, isto seria evidenciado. Pois, em um meio ingênuo, isolado de suas fontes de pensamento e contrário a estas, tal tentativa não teria passado despercebida ou sem deixar marcas sobre muitos dos movimentos e relações da sociedade de Meca.

2) A Mensagem que o Profeta anunciou ao mundo está representada pelo nobre Alcorão e pela *Shariah* Islâmica (Lei Religiosa), e se distingue das demais por muitos pontos característicos.

a) A mensagem nos chega como um modelo único da instrução divina relativa aos atributos de Deus, à Sua Ciência, à Sua Autoridade, à qualidade de seus benefícios para com o Homem. A mensagem também falou sobre o papel dos profetas no encaminhamento da humanidade, sobre a unidade de sua Mensagem, sobre valores e ideais que os distinguem. Ela falou sobre a relação de Deus com seus profetas e sobre a luta contínua entre o Bem e o Mal, entre a justiça e a injustiça. Também mostrou os laços sólidos e constantes entre as mensagens divinas e os desfavorecidos e perseguidos. Esta instrução divina não é somente superior ao estado intelectual e religioso de uma sociedade pagã e submergida no culto dos ídolos, mas também está muito além de todas as instruções religiosas conhecidas no mundo até agora. Qualquer comparação entre esta instrução divina e as instruções precedentes mostra a evidência de que tal instrução está destinada a corrigir os erros das instruções passadas, corrigir seus desvios, e fazê-las voltar para a razão sã e natural.



Tudo isso foi trazido por um homem analfabeto, em uma sociedade idólatra, quase isolada, ignorante a respeito de tudo que era relativo aos livros religiosos de sua época. E ainda assim, ele foi um modelo de retidão e progresso.

b) Esta mensagem nos chega com valores e concepções relativas à vida, ao Homem, ao trabalho e às relações sociais, e as tem expressado dentro das legislações e leis. Estes valores e concepções, e estas legislações e leis, são (mesmo para aqueles que não crêem em seu caráter divino) preciosos e nobres, os mais apreciáveis e mais esplêndidos que a história já conheceu. Portanto, o filho de uma sociedade tribal apareceu subitamente na cena mundial e na história, para conclamar a humanidade como um todo à unidade; o filho de um meio social que teria consagrado todas as classes de discriminação e de favoritismo baseadas na raça, atribuição tribal e posição social, surgiu para destruir todos esses vícios, declarar que as pessoas são iguais como os dentes de um pente, e que:

يقول تعالى في سورة الحجرات آية 13

﴿...إِنَّ أَكْرَمَكُمْ عِنْدَ اللَّهِ أَتْقَاكُمْ إِنَّ اللَّهَ عَلِيمٌ خَبِيرٌ﴾

“... Sabei que o mais honrado, dentre vós, ante Deus, é o mais temente...” (Alcorão, C.49 – V.13)

Ele transformou esta declaração em realidade para que as pessoas pudessem vivê-la; elevou o status social das mulheres e lhes garantiu a sua nobre posição, como igual ao homem, em humanidade e dignidade.

O filho do deserto onde apenas as divisões tribais prevaleciam surgiu para guiar o homem ao enobrecimento, em vista a liberar o mundo e salvar os desfavorecidos, no Oriente e no Ocidente, da tirania de Ciro e de César.

O filho desta vida política e econômica totalmente desequilibrada, onde existiam todos os tipos de contradições, de usura, de monopólio e de exploração, surgiu de forma súbita para trazer sentido a esta vida e transformar uma sociedade ora vazia, em uma sociedade

completa e dotada de um regime e uma legislação reais, refazendo as relações sociais e econômicas, extirpando a usura, o monopólio e a exploração; redistribuindo a riqueza de forma a evitar o monopólio dos ricos. Este homem surgiu para estabelecer os princípios da solidariedade social e da segurança social. Todas estas transformações sociais que o Profeta empreendeu em sua sociedade foram concretizadas em um espaço de tempo relativamente curto, em comparação com as outras transformações sociais realizadas no decorrer da história.

c) A mensagem relata nos textos alcorânicos, a história dos profetas anteriores e de seus povos, assim como os fatos e acontecimentos que essas comunidades viveram, e tudo isto, com detalhes que o meio idólatra e analfabeto do Profeta árabe ignorava totalmente. Os teólogos judeus e cristãos desafiaram o Profeta mais de uma vez, questionando-lhe e pedindo-lhe que falasse sobre sua herança religiosa. De forma valente, ele aceitou e superou todos estes desafios. O Alcorão preencheu todas as suas expectativas, e lhes propiciou o que haviam pedido.

يقول الله في سورة القصص

﴿وَمَا كُنْتَ بِجَانِبِ الْغُرُبِيِّ إِذْ قَضَيْنَا إِلَىٰ مُوسَى الْأَمْرَ وَمَا كُنْتَ مِنَ الشَّاهِدِينَ (44) وَكُنَّا أَنْشَانَا قُرُونًا فَتَطَاوَلَ عَلَيْهِمُ الْعُمُرُ وَمَا كُنْتَ ثَاوِيًّا فِي أَهْلِ مَدْيَنَ تَتْلُو عَلَيْهِمْ آيَاتِنَا وَلَكِنَّا كُنَّا مُرْسِلِينَ (45) وَمَا كُنْتَ بِجَانِبِ الطُّورِ إِذْ نَادَيْنَا وَلَكِنْ رَحْمَةً مِّن رَّبِّكَ لِتُنذِرَ قَوْمًا مَّا أَتَاهُمْ مِّن نَّذِيرٍ مِّن قَبْلِكَ لَعَلَّهُمْ يَتَذَكَّرُونَ (46)﴾

*“Porém, tu (ó Mohammad) não estavas do lado ocidental (do monte Sinai) quando decretamos à Moisés os mandamentos, nem tampouco te contavas entre as testemunhas (de tal evento). Mas criamos novas gerações, que viveram muito tempo. Tu não eras habitante entre os madianitas, para lhes recitares os*

*Nossos versículos; porém, Nós é Quem mandamos mensageiros. Tampouco estiveste no sopé do monte Sinai quando chamamos (Moisés); porém, foi uma misericórdia do teu Senhor, para que admoestes um povo que, antes de ti, jamais teve admoestador algum; quiçá, assim reflitam”. (Alcorão, C.28 – V.44 a 46).*

Mesmo que se suponha que o Novo e Velho Testamento eram conhecidos e admitidos no meio onde o profeta tinha surgido e vivido, o leitor não poderia estar mais que encantado ao constatar que o Alcorão não plagia ou reproduz o que estava escrito nestes livros. Na verdade, ao invés de praticar um papel passivo ao copiar ou simplesmente traduzir estas escrituras, o Alcorão pratica um papel ativo, dado que expõe a recitação de uma forma ativa, quer dizer, corrige, retifica, e inclusive, vai além dos equívocos de tais escrituras, em pontos que não concordam com o espírito natural da Unidade Divina, com a razão ou com uma visão religiosa sã.

d) O Alcorão alcança um alto grau de eloquência, de retórica e de originalidade de expressão. Algo que é extremamente notável mesmo para os que não crêem em seu status sagrado, e ele, consiste em um ponto de separação entre duas fases da língua árabe, uma base para uma grande mudança na língua. Os árabes, que ouviram o Profeta recitar o Alcorão, observaram que o mesmo não se pareceria em nada com os estilos de eloquência e expressão com os quais estavam habituados, nem com os movimentos de expressão que eles já tinham assimilado. Neste sentido, Al-Walid Ibn Maghira, ao escutar a recitação do Alcorão, disse: *“Por Deus, eu ouvi palavras que não são dos seres humanos nem dos gênios. É uma linguagem deliciosa e ilustre. Seu tom alto é frutuoso, e seu tom baixo é abundante. Transcende a tudo, e nada pode superá-la. Esmaga, através de sua superioridade, tudo que está debaixo dela”*.

O povo evitava escutar o Alcorão porque acreditava em sua influência e em sua capacidade extraordinária de operar uma mudança na alma das pessoas. E é esta a prova da extraordinária distinção da expressão alcorânica. Isto prova que o Alcorão não

é meramente a continuação de um desenvolvimento literário já familiar. O povo não demorou a desarmar-se e sucumbir diante do desafio grandioso que o Profeta lhes apresentou. Ele lhes desafiou a tentar criar algo que parecesse com o Alcorão, ou simplesmente, a criar dez *suratas* (capítulos) falsas que mantivessem o mesmo nível do Alcorão. Diante disso, nenhum deles pôde escrever sequer uma *surata* que fosse igual ao Alcorão.

يقول تعالى في سورة الأسراء 88

﴿قُلْ لَّيْنِ اجْتَمَعَتِ الْإِنْسُ وَالْجِنُّ عَلَىٰ أَنْ يَأْتُوا بِمِثْلِ هَذَا الْقُرْآنِ لَا يَأْتُونَ بِمِثْلِهِ وَلَوْ كَانَ بَعْضُهُمْ لِبَعْضٍ ظَهِيرًا﴾

“Dize-lhes: Mesmo que os humanos e os gênios tivessem se reunido para produzir coisa similar a este Alcorão, jamais teriam feito algo semelhante, ainda que se ajudassem mutuamente.” (Alcorão, C.17 – V.88).

يقول تعالى في سورة هود آية 13

﴿أَمْ يَقُولُونَ افْتَرَاهُ قُلْ فَأْتُوا بِعَشْرِ سُوْرٍ مِّثْلِهِ مُفْتَرِيَاتٍ وَاذْعُوا مَنِ اسْتَطَعْتُمْ مِّنْ دُونِ اللَّهِ إِنْ كُنْتُمْ صَادِقِينَ﴾

“Ou dizem: Ele o forjou! Dize: Pois bem, apresentais dez *suratas* forjadas, semelhantes às dele, e pedi (auxílio), para tanto, a quem possais, em vez de Deus, se estiverdes certos.” (Alcorão, C.11 – V.13).

يقول تعالى في سورة البقرة آية 23

﴿أ وَإِنْ كُنْتُمْ فِي رَيْبٍ مِّمَّا نَزَّلْنَا عَلَىٰ عَبْدِنَا فَأْتُوا بِسُوْرَةٍ مِّنْ مِّثْلِهِ وَاذْعُوا شُهَدَاءَكُمْ مِّنْ دُونِ اللَّهِ إِنْ كُنْتُمْ صَادِقِينَ﴾

*“E se tendes dúvidas a respeito do que revelamos ao Nosso servo (Mohammad), componde uma surata semelhante à dele (o Alcorão), e apresentai as vossas testemunhas, independentemente de Deus, se estiverdes certos.”* (Alcorão C.2 – V.23).

O Profeta lançou este desafio a uma sociedade particularmente observadora da prática do discurso, habituada a contar sua história de forma oral e através disso exaltar suas glórias. Esta era uma prática muito apreciada e exaltada em tal sociedade. Visto isso, o principal objetivo desta sociedade seria extinguir a luz dessa nova mensagem e destruí-la por completo. No entanto, esta sociedade que anteriormente tinha aceitado grandes desafios neste campo não quis tentar sua sorte frente ao Alcorão. Não tentou se opor e superar o Alcorão e seu estilo, pois sabia que a expressão literária alcorânica estava acima das suas capacidades lingüísticas e artísticas. Um fato curioso e paradoxal é que o indivíduo que trazia a eles esta nova onda literária tinha vivido por quarenta anos em meio a seus concidadãos sem jamais participar de um círculo ou debate literário, nem distinguir-se em nenhuma das artes da palavra. Tais são algumas das características da Mensagem do Profeta.

3) Agora, voltamos-nos para o terceiro ponto, através do qual provaremos, sob a base da indução científica aplicada à história das sociedades humanas, que esta Mensagem cujas características já estudamos no segundo ponto, é muito maior que as circunstâncias e os fatores que mencionamos no primeiro ponto. Porque, mesmo que na história das sociedades tenhamos assistido a numerosos casos onde um homem se distingue entre os seus, os dirige e os leva a um passo adiante no caminho do progresso, o nosso caso se diferencia de todos os casos comuns, já que possui muitas particularidades que o diferenciam dos demais casos. Pois observamos no nosso caso um salto enorme, e uma evolução nos valores e concepções relativas aos diferentes domínios da vida, e não um mero avanço isolado. A comunidade tribal realizou sob a influência do Profeta um salto prodigioso, convertendo-se à idéia de uma sociedade universal. A sociedade idólatra se converteu à fé na Unicidade Pura, a religião que corrigiu todas as outras religiões monoteístas e removeu das

mesmas as falsidades místicas às que estavam agarradas. Uma sociedade ora completamente vazia se transformou em uma sociedade de vanguarda, carregando consigo uma cultura que tem levado luz ao mundo inteiro.

Mais adiante, notamos que em uma sociedade, se uma revolução completa é o produto das influências e das circunstâncias concretas, tal revolução não pode ser nem súbita nem improvisada ou desprovida de etapas preliminares. Tampouco, pode surgir sem um desenvolvimento intelectual e espiritual que a preceda, e que através de uma direção competente e moral, a dirija em vistas a realizá-la em sua base, ou seja, na sociedade.

O estudo comparativo da história dos processos da evolução social nas diferentes sociedades mostra que em toda sociedade esta evolução começa no campo intelectual, sob a forma de um germe semeado no terreno social, e a seguir amadurece para criar uma corrente intelectual cujos aspectos se espalham progressivamente. No interior desta corrente, uma liderança se forma, com a forma de uma parte distintiva da sociedade, vivendo nesta, e contradizendo a forma oficial. E é desta luta que se desenvolve entre as duas formas que esta corrente se amplia até que domina a situação.

Em contraste a tudo isso, descobrimos que Mohammad não era simplesmente um elo na corrente da história da nova mensagem. Tampouco era ele parte de uma corrente geral de mudança social da época. As idéias, os valores e as concepções que ele defendia não tinham crédito ou sequer eram sementes postas no terreno da sociedade em que ele viveu. Quanto à corrente que ele desenvolveu e que contava de início com uns poucos seguidores que eram a elite dos primeiros muçulmanos, ela só foi criada devido aos méritos da Mensagem e do Mensageiro. Não foi a atmosfera social que produziu a mensagem e o seu líder.

A diferença que separava o Profeta e os membros desta elite não era uma diferença de graus, como é o caso das diferenças que existem nos vários elementos que constituem uma corrente nova de pensamento

ou ação social. Na verdade, era uma diferença fundamental e infinita. Tudo isso prova que Mohammad não era parte de uma corrente, na verdade, foi uma nova corrente que surgiu a partir dele.

A história mostra que se a liderança intelectual, religiosa e social de um novo movimento se concentra em um só ponto e toma apenas uma direção, esta liderança deve estar necessariamente dotada de uma grande capacidade cultural e de um vasto conhecimento para proporcionar a todos a tarefa que lhes incumbe, e adequar tudo isso aos modos de vida corrente das pessoas. Também se faz necessário que tudo isso seja uma prática gradual que produza um desenvolvimento direto desta liderança.

Em contraste a tudo isso, descobrimos que Mohammad assumiu a direção intelectual, religiosa e social desta Missão sem que seu passado de homem analfabeto, ignorante a respeito de outras culturas de sua época e das religiões anteriores à sua Mensagem, tivesse algum influência sobre ele, nada disso o fez menos suscetível a essa missão.

Diante de tudo isso, consideramos a única explicação razoável e admissível para tal situação: supor a existência de um fator adicional por trás das circunstâncias e fatores usualmente perceptíveis. Ele é o fator da Revelação, o fator da Profecia, o qual representa a intervenção divina na orientação da Terra.

يقول تعالى في سورة الشورى آية 52

﴿وَكَذَلِكَ أَوْحَيْنَا إِلَيْكَ رُوحًا مِّنْ أَمْرِنَا مَا كُنْتَ تَدْرِي مَا الْكِتَابُ وَلَا الْإِيمَانُ وَلَكِن جَعَلْنَاهُ نُورًا نَّهْدِي بِهِ مَن نَّشَاءُ مِنْ عِبَادِنَا وَإِنَّكَ لَتَهْدِي إِلَى صِرَاطٍ مُسْتَقِيمٍ﴾

*“E também te inspiramos com um Espírito, por ordem nossa, antes não conhecias o que era o Livro, nem a fé; porém, fizemos dele uma Luz, mediante a qual guiamos quem Nos apraz dentre os Nossos servos. E tu certamente te orientas para uma senda reta.”*  
(Alcorão, C.42 – V.52)

## O Papel das Influências e Fatores Externos

Explicar a Mensagem através da Revelação ao invés de através dos fatores e circunstâncias concretas que operaram em sua história e desenvolvimento não significa que devemos ignorar tais elementos. Na verdade, conforme as leis universais e sociais gerais, tais fatores e circunstâncias exerceram grande influência, não no conteúdo da Mensagem, porém, sobre os eventos que lhe acompanharam e que podiam afetar as condições de seu êxito. A Mensagem é uma verdade divina que se coloca acima das condições e circunstâncias materiais. Porém, uma vez transformada em um movimento de ação contínua em vistas a uma mudança, é possível que tenha de subordinar-se ou relacionar-se com as circunstâncias que envolvem ao que é material. Por exemplo: podemos supor que o que levou a um indivíduo árabe a procurar por uma nova mensagem foi o sentimento de estar isolado em uma sociedade problemática. Podemos supor que o sentimento dos indivíduos batalhadores menos afortunados da sociedade árabe, que estava sob o jugo da opressão e da injustiça, nas mãos de usurpadores e exploradores, compeliu estes indivíduos a apoiar um novo movimento que levantava a bandeira da justiça e do combate à usura. E igualmente, podemos supor que os sentimentos tribais tiveram um papel importante na vida da Mensagem, seja no nível das lutas e rivalidades locais entre os diferentes clãs, o que teve um efeito benéfico ao assegurar a Mohammad imunidade e prestígio, seja em um nível nacionalista, encarnado através dos sentimentos dos árabes do sul da península árabe para com os do norte da mesma.

As circunstâncias de um mundo em colapso e as duras condições pelas quais passavam duas grandes potências, a saber, os bizantinos e os persas, os mantiveram preocupados com seus problemas particulares, e fez com que não intervissem rapidamente e de forma decidida com o intuito de abortar o novo movimento que surgia na península arábica. Todas estas situações devem ser analisadas e admitidas de forma racional. Tais particularidades afetaram os eventos, mas não a Mensagem em si.



قال الله تعالى في سورة محمد الآية الثانية  
وَالَّذِينَ آمَنُوا وَعَمِلُوا الصَّالِحَاتِ  
وَأَمِنُوا بِمَا نَزَّلَ عَلَيَّ مُحَمَّدٌ وَهُوَ الْحَقُّ مِنْ رَبِّهِمْ  
كَفَّرَ عَنْهُمْ سَيِّئَاتِهِمْ وَأَصْلَحَ بَالَهُمْ

*Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.*

*Deus disse no Alcorão Sagrado na Surata Mohammad (Capitulo 47):*

*“Outrossim, quanto aos fiéis,  
que praticam o bem e crêem no que  
foi revelado a Mohammad –  
esta é a verdade do seu Senhor –  
Deus absolverá as suas faltas e  
lhes melhorará as condições (2).”*



Assembleia Mundial Ahlul Bait (A.S.)

قال رسول الله ﷺ في ثواب قراءة القرآن الكريم وآثاره  
 إن البيت الذي يُقرأ فيه القرآن ويذكر الله تعالى فيه تكثر بركته، وتحضره  
 الملائكة، وتهجره الشياطين، ويضيء لأهل السماء كما يضيء الكوكب  
 الدُرِّيُّ لأهل الأرض، وإن البيت الذي لا يُقرأ فيه القرآن، ولا يذكر الله  
 تعالى فيه تقل بركته، وتهجره الملائكة، وتحضره الشياطين.

البيات في تفسير القرآن - للسيد الخوئي (قدس) ص. 27

*O Mensageiro de Deus (S.A.A.S.) disse sobre as recompensas e virtudes do leitor do Alcorão:*

*“Na casa onde se lê o Alcorão e Deus, o Altíssimo, é recordado, são aumentadas as suas bênçãos, os anjos sempre estão presentes nela, os demônios a abandonam e ela se ilumina para o povo do céu como uma estrela brilhante que brilha para o povo da terra. Já na casa onde não se lê o Alcorão e nem se recorda a Deus nela, são diminuídas suas bênçãos, os anjos se afastam dela e os demônios nela se hospedam.”*

*Al-Bayan fi Tafsir Al-Qur'na – Aatoria do Seyyed al-Khoui – P. 27*



Assembléa Munkad Ahl Bai (A.S.)

## TERCEIRA PARTE A MENSAGEM (ARRESALA)

Quanto à mensagem, ela é o Islam, a religião divina que Deus enviou ao Profeta como uma graça aos mundos. O principal propósito do Islam é estabelecer um relacionamento entre o homem e o seu Senhor, este mesmo homem que irá retornar para Deus no Dia do Juízo. No que concerne ao primeiro ponto, o Islam liga o homem com o Deus Único, o Verdadeiro, para onde a natureza inata do Homem se inclina, assinalando e confirmando a Unicidade de Deus, o Verdadeiro, com o fim de extirpar todas as classes de divindades artificiais; de forma que a expressão de unicidade “*Não há nenhuma divindade senão Deus*” se tornou seu principal slogan.

Desde que a profecia é o único ponto de mediação direta entre a criatura e o Criador; seu testemunho da Unicidade de Deus, o Criador, e seu ponto de união com o Deus Único, o Verdadeiro, ela pode ser considerada uma base suficientemente forte da prova da Unicidade Divina. Quanto ao segundo ponto, a relação entre o Homem e o Dia do Juízo, o Islam expressa que aperfeiçoar essa relação é única fórmula capaz de eliminar a contradição da vida humana e buscar a Justiça Divina, como já vimos anteriormente. A Mensagem Islâmica se distingue, por seus traços particulares, de todas as outras mensagens divinas e suas características, o que faz dela um acontecimento ímpar na história. Na continuação, mencionamos algumas de suas qualidade e características:

1) Esta mensagem tem permanecido intacta em relação ao texto alcorânico, e jamais foi objeto de alterações, no entanto, os outros livros anteriores foram alterados no que se refere aos seus conteúdos. Deus revelou o seguinte sobre o assunto:

﴿إِنَّا نَحْنُ نَزَّلْنَا الذِّكْرَ وَإِنَّا لَهُ لَحَافِظُونَ﴾

*“Nós revelamos a Mensagem e somos o seu Preservador”*  
(Alcorão, C.15 – V.9)

Foi a conservação do seu conteúdo religioso e legislativo que permitiu que a Mensagem pudesse prosseguir com seu papel socialmente educativo.

Uma mensagem que se torna vazia através do desvio e da alteração não pode ser um laço entre o Homem e seu Senhor; pois tal laço não pode ser encontrado e mantido através de uma simples união nominal; é necessário que o conteúdo da Mensagem seja encarnado, plenamente vivido, nos planos intelectual e comportamental. Devido a isto, a Mensagem Islâmica tem sido protegida pelo texto alcorânico, o que é uma condição necessária para que seja mantida a capacidade da Mensagem de perseguir seus objetivos.

2) A preservação do Alcorão, tanto de seu texto quanto de seu espírito, significa que a profecia de Mohammad não perdeu seu mais precioso argumento na prova de sua validade. Isto por que o Alcorão em si contém os fundamentos da Mensagem e suas Leis Sagradas, o que funciona como um prova indutiva, o que está de acordo com os nossos argumentos anteriores. Essa prova permanecerá sendo válida enquanto o Alcorão existir

As missões proféticas cuja prova está ligada aos acontecimentos ocorridos em um determinado momento histórico, momento este que rapidamente se vai, tais como a cura do mudo e do leproso, são dificilmente comprovadas; pois tais acontecimentos foram testemunhados por poucas pessoas e não foram ou são conhecidos por outros além dos que lá estavam presentes, e uma vez que estas testemunhas desaparecem com o passar do tempo e com a acumulação dos séculos, será difícil verificá-los de uma forma concludente através da pesquisa e investigação. Deus não iria

obrigar o Homem a crer em uma profecia que fosse dificilmente comprovada historicamente, nem a buscar um meio de comprová-la. Isto porque Ele não pede ao Homem que faça aquilo que esteja além de suas possibilidades.

يقول تعالى في سورة الطلاق آية 7

﴿...لَا يُكَلِّفُ اللَّهُ نَفْسًا إِلَّا مَا آتَاهَا سَيَجْعَلُ اللَّهُ بَعْدَ عُسْرٍ يُسْرًا﴾

“... Deus não impõe a ninguém obrigação superior ao que lhe concedeu...” (Alcorão, C. 65 – V.7)

Se hoje acreditamos nos profetas anteriores a Mohammad e em seus milagres, isso se deve ao fato de que através do Alcorão temos as provas da existência e dos feitos deles.

3) Acabamos de mostrar que o passar do tempo não destrói a prova fundamental da Mensagem Islâmica. Na verdade, o passar do tempo assinala a esta prova novas dimensões, através da evolução do ser humano e da tendência do Homem em estudar o Universo através de métodos científicos de pesquisa. Certamente, o Alcorão tem se adiantado frente à ciência moderna neste assunto, por que ele ligou seu argumento de comprovação da existência do Criador ao estudo do Universo e ao aprofundamento a cerca de seus fenômenos, atraindo a atenção do Homem aos desvendar de segredos e às vantagens que este estudo pode proporcionar-lhe. Até mesmo o Homem moderno pode descobrir dentro deste livro, que foi proclamado por um analfabeto em um meio anti-islâmico e ignorante há centenas de anos atrás, detalhes claros sobre assuntos que a ciência moderna só hoje veio a descobrir. Sobre este ponto, o orientalista inglês A. J. Arberry, professor de língua árabe em Oxford, declarou a seguinte sentença quando a ciência moderna descobriu detalhes sobre o papel do vento na fertilização das plantas: “*Os nômades sabiam que o vento fecundava as árvores e os frutos séculos antes da ciência da Europa descobrir este fato*”.

Deus faz alusão a isto no seguinte versículo:

يقول تعالى في سورة الحجر آية 22  
﴿وَأَرْسَلْنَا الرِّيَّاحَ لَوَاقِحَ فَأَنْزَلْنَا مِنَ السَّمَاءِ مَاءً  
فَأَسْقَيْنَاكُمُوهُ وَمَا أَنْتُمْ لَهُ بِخَازِنِينَ﴾

*“E enviamos os ventos fecundantes e, então, fazemos descer água do céu, da qual vos damos de beber e que não podeis armazenar (por muito tempo).”* (Alcorão, C.15 – V.22)

4) Esta Mensagem engloba todos os aspectos da vida. Porque pode equilibrá-los, unificar suas bases e reunir através de uma fórmula completa: a mesquita, a universidade, a fábrica e a fazenda. Sendo dessa forma, o Homem não é mais obrigado a viver em um estado de divisão entre sua vida espiritual e sua vida material.

5) Esta Mensagem é a única mensagem divina que foi aplicada pelo próprio mensageiro que a revelou, e no processo de aplicação da mesma, obteve um êxito deslumbrante ao poder transformar os slogans que proclamava em verdades da vida cotidiana das pessoas.

6) À medida que a Mensagem entrava em seu estágio de implementação ela penetrava na história humana e contribuía para a sua formação. Ela foi a pedra inicial da operação de edificação da nação Islâmica. E, dado que esta Mensagem divina representa um dom oferecido por Deus, ela está acima da lógica dos fatores e influências perceptíveis, ou seja, a história desta nação está ligada a um fator metafísico e a uma base invisível que não se submete aos cálculos materialistas da História.

É errôneo tratar de compreender nossa história no quadro dos fatores e das influências unicamente perceptíveis, ou considerá-la como o resultado das circunstâncias materiais ou da evolução das forças de produção. Pois tal visão materialista da História

não se aplica a uma nação que tem construído sua existência baseando-se na Mensagem Divina. E se não consideramos esta Mensagem como uma verdade divina não podemos compreender sua história.

7) A influência desta Mensagem não se limita apenas à tarefa de construir nossa nação. Na verdade, ela se estende muito mais além, a ponto de erguer-se como uma força influente no mundo inteiro, e isso, ao largo da história. Os pensadores sensatos da Europa reconhecem que a força cultural do Islam foi o primeiro incentivo para o despertar dos europeus, foi o que lhes tirou de suas trevas e lhes guiou para um novo caminho.

8) O Profeta Mohammad, que revelou esta Mensagem, se distinguiu de todos os outros profetas que lhe precederam no que se refere à apresentação de sua Mensagem. Isto por que a sua mensagem foi a última tese divina; o que faz de sua profecia a conclusão de todas as profecias. A idéia de uma profecia concludente, o selo das profecias ou a profecia final, se apóia em dois argumentos: um “negativo”, que nega a possibilidade da aparição de uma nova profecia; e outro “positivo”, que afirma a continuação das profecias anteriores e a prolongação da profecia através dos tempos. É importante observar que o argumento “negativo” tem se mantido verdadeiro por quatorze séculos desde o surgimento do Islam, e irá se manter dessa forma até o infinito.

O fato de que no decorrer da História nenhum outro profeta surgiu, não significa que a profecia perdeu seu papel como uma das fundações da civilização e da cultura humana. Na verdade, este fato se justifica pelo fato de que a profecia concludente assumiu a condição de herdeira de todas as mensagens proféticas anteriores, contendo todos os valores constantes na profecia como um todo, mas sem manter os valores circunstanciais que envolveram-na ao longo da evolução da história. Desse ponto surge uma Mensagem dominante, capaz de ser vitoriosa frente aos testes do tempo, evoluindo e renovando-se continuamente.

يقول تعالى في سورة المائدة آية 48

﴿وَأَنْزَلْنَا إِلَيْكَ الْكِتَابَ بِالْحَقِّ مُصَدِّقًا  
لِّمَا بَيْنَ يَدَيْهِ مِنَ الْكِتَابِ وَمُهَيِّمًا عَلَيْهِ...﴾

“Em verdade, revelamos-te o Livro confirmador e preservador dos anteriores...” (Alcorão, C.5 – V.48).

9) A sabedoria divina, que selou a profecia com Mohammad, conclui ser correto que se designem tutores para suceder este último profeta, com o fim de que eles se encarreguem dos assuntos concernentes à liderança espiritual (Imamato) e política (Califado) que surgiram após o falecimento do mesmo. Estes indivíduos são os Doze Imames, cujo número foi mencionado explicitamente pelo Profeta nas tradições (*ahadith*) que os muçulmanos aceitam como válidas. Eles são: Amir al-Muminin (Príncipe dos Fiéis), Ali Ibn Abi Talib, seguido de seus filhos Al-Hassan e Al-Hussein, este último seguido por nove de seus descendentes. Estes são sucessivamente: Ali Ibn Al-Hussein, ou Al-Sajjaad; Mohammad Ibn Ali, ou Al-Baqr; Jaafar Ibn Mohammad, ou Assadeq; Mussa Ibn Jaafar, ou Al-Kadhim; Ali Ibn Mussa, ou Al-Ridha; Mohammad Ibn Ali, ou Al-Jawad, Ali Ibn Mohammad, ou Al-Hadi; Al-Hassan Ibn Ali, ou Al-Askari; e Mohammad Ibn Al-Hassan, ou Al-Mahdi.

10) Durante a ocultação do décimo segundo Imam, o Islam comanda aos fieis que recorram aos Doutores da Lei Islâmica, e dessa forma, abre as portas do *Ijtihad*, que significa realizar um esforço em vista a deduzir juízos legais a partir do Alcorão e da *Sunnah* (práticas do profeta)